



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

**A TEORIA DE GÊNEROS JORNALÍSTICOS E A FORMAÇÃO INICIAL DE
COMUNICADORES SOCIAIS: CAMINHOS ENTRELAÇADOS**

SEVERINO PEQUENO DA SILVA

CAMPINA GRANDE

2013

**A TEORIA DE GÊNEROS JORNALÍSTICOS E A FORMAÇÃO INICIAL DE
COMUNICADORES SOCIAIS: CAMINHOS ENTRELAÇADOS**

SEVERINO PEQUENO DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo – da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social.

Orientador: Prof. Ms. Manassés Morais Xavier

CAMPINA GRANDE – PB

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL CIA 01 – UEPB

S586t Silva, Severino Pequeno da.

A teoria de gêneros jornalísticos e a formação inicial de comunicadores sociais: caminhos entrelaçados./ Severino Pequeno da Silva. – 2013.

75 f. il.color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2013.

“Orientação: Prof. Ms. Manassés Morais Xavier, Departamento de Comunicação Social”.

1. Teoria de gêneros. 2. Gêneros jornalísticos 3. Universidade
I. Título.

21. ed. CDD 070.4

**A TEORIA DE GÊNEROS JORNALÍSTICOS E A FORMAÇÃO INICIAL DE
COMUNICADORES SOCIAIS: CAMINHOS ENTRELAÇADOS**

SEVERINO PEQUENO DA SILVA

BANCA EXAMINADORA

Manassés Morais Xavier NOTA: 10,0
Prof. Ms. Manassés Morais Xavier
(Orientador - UFCG)

Goretti M^a Sampaio de Freitas NOTA: 10,0
Prof^a. Dra. Goretti Maria Sampaio de Freitas
(Examinadora - UEPB)

Michele Wadja da Silva Farias NOTA: 10,0
Prof^a. Ma. Michele Wadja da Silva Farias
(Examinadora - UEPB)

Trabalho aprovado em: 08 de agosto de 2013

Média: 10,0

CAMPINA GRANDE – PB

2013

A DEUS, “pelo privilégio da vida”, porque sem a vontade Dele, nada seria possível. A minha FAMÍLIA, em especial mamãe, umas das pessoas que mais acreditou em mim. A todos os AMIGOS, pelo encorajamento nos momentos em que pensei em desistir. Ao professor MANASSÉS MORAIS XAVIER, um exemplo de educador que sempre terei como referencial.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ter me abençoado com Sua glória e me ajudado a realizar esse trabalho. Por estar sempre ao meu lado me dando forças para enfrentar os desafios da vida. A você Pai, muito obrigado!

A minha mãe, Maria do Socorro Pequeno Silva, e ao meu pai, Miguel Gonsalves da Silva, pessoas que sempre me conduziram a caminhos certos e são responsáveis pela pessoa que hoje me tornei.

Aos meus irmãos, Yara, Sarita, Cícero e Luciano, e aos sobrinhos Paulo Roberto, Deyvysom Miguel, Maria Eduarda e Ana Luíza, pelos momentos de alegria e compreensão.

A todos os professores e funcionários da UEPB, por ter-me oportunizado essa formação. Sem dúvidas adquiri conhecimentos que levarei por toda vida.

À Banca Examinadora deste trabalho nas pessoas das professoras Goretti Sampaio e Michele Wadja: as suas considerações foram indispensáveis para meu crescimento na área jornalística.

Aos alunos da turma 2008.2 noturno do curso de Comunicação Social, saibam que sempre me lembrarei de cada um de vocês.

Às jornalistas, Olenice Lucas, Luciene Nóbrega, Érica Karina e Kalina Aires, pessoas que estão comigo desde o início. Compartilhamos experiências, comemoramos vitórias, passamos por vários desafios, alguns quase nos fizeram desistir, mas juntos conseguimos seguir em frente. Tenho muito carinho por cada uma de vocês.

À jornalista Elizangela Liberato. Obrigado pelas noites de estudo na universidade. Nossos encontros ficarão na minha lembrança para todo o sempre. Nunca me esquecerei de você.

Ao biólogo Janilo Cesário, amigo e companheiro que sempre esteve presente na minha vida. Muito obrigado por tudo!

Às amigas, Bete e Érica, hoje não imagino minha vida sem vocês, obrigado por fazerem parte dessa conquista que hoje celebro.

Às amigas, Raquel, Nininha, Fátima e Cibelle, por entenderem a minha ausência nos momentos de comemorações. Obrigado pela amizade e compreensão.

Às companheiras de trabalho, Renally, Eliane e Keila Figueiredo. O incentivo de vocês foi indispensável para essa conquista. Obrigado!

À professora e amiga, Dayana Pereira, por ter me ajudado no momento em que mais precisei. Sou muito grato por sua ajuda. Saibas que sempre terás um amigo.

Ao professor Manassés Morais Xavier, por me orientar sempre com compromisso e competência. Você foi um educador singular na história da minha formação. Um exemplo de professor que sempre terei como referencial.

A todos vocês, meu muito obrigado!

Pensar um ensino-aprendizagem que transcenda, que promova desenvolvimento e que aguce as inteligências individuais e coletivas corresponde a se pensar num modelo comunicativo e educativo emancipatório que viabilize a construção do conhecimento como um caminho trilhado dentro de uma perspectiva processual.

(MANASSÉS XAVIER, 2011)

RESUMO

Nos últimos anos os estudos sobre gêneros jornalísticos vêm promovendo grande melhoramento no jornalismo de diversos meios de comunicação, se constituindo, então, destacar o espaço que eles devem obter nas universidades para melhor preparar os estudantes para a vida profissional. Nesse sentido, nossa pesquisa tem a proposta de fazer uma análise descritiva em produções jornalísticas elaboradas por estudantes da turma 2008.2 referente ao 4º ano noturno do curso de Comunicação Social com habilitação em jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Nossa análise não tem a intenção de criticar essas produções nem tão pouco corrigi-las com análise qualitativa. Objetivamos confrontar os textos analisados com as teorias de gêneros jornalísticos estudadas nos cursos superiores de Comunicação Social, visando mostrar até que ponto essas produções convergem e divergem com essas teorias, trazendo a discussão da relação existente entre prática e teoria dos gêneros jornalísticos nos processos de formação inicial de comunicadores sociais habilitados em jornalismo. Uma das inquietações da pesquisa se configurou na possibilidade de mostrar à comunidade acadêmica que a teoria de gêneros precisa fazer parte do ciclo de formação dos estudantes, principalmente na parte que concerne as disciplinas de produção textual. Assim, representa duas das questões-problema: Quais as estratégias de ensino que podem ser desenvolvidas nas disciplinas de produção textual para inserir, com eficácia, a teoria de gêneros no curso superior de jornalismo? O método como a teoria de gêneros está sendo implantada na universidade é adequado para a formação inicial de jornalista? Dentre os objetivos específicos da pesquisa destacamos: estimular os alunos de jornalismo a aplicarem a teoria de gêneros nos textos produzidos na universidade, explicar a comunidade acadêmica o valor das técnicas oferecidas pela teoria de gêneros na produção de textos jornalísticos notícia, reportagem e artigo de opinião e analisar a forma como a teoria de gêneros está sendo inserida nas disciplinas de produção textual no curso de Comunicação Social da UEPB. O presente estudo está vinculado a Teoria Dialógica do Discurso (TDL) difundida por Bakhtin (2011) e outros, e teve contribuições teóricas de autores como Corrêa (2003), Lakatos e Marconi (2013), Zanella (2009), Marcuschi (2008), Rodrigues (2005), Grillo (2004), Pena (2008), Xavier (2010). Na análise fizemos uso do questionário com a finalidade de determinar informações para alcançar os objetivos da pesquisa. Os resultados nos permitem afirmar que a teoria de gêneros não está sendo inserida de forma eficaz nas disciplinas de produção textual do curso de Comunicação Social da UEPB. Através da análise dos textos, constatamos uma disparidade significativa do que os alunos estão entendendo e, conseqüentemente, produzindo como gêneros jornalísticos. Nosso estudo é apropriado para ser exposto a estudantes e professores, principalmente para aqueles especializados na área de produção textual, colaborando para uma melhor formação acadêmica no que diz respeito à produção de textos jornalísticos como a notícia, a reportagem e o artigo de opinião.

Palavras-Chave: Teoria de Gêneros, Gêneros Jornalísticos, Universidade.

ABSTRACT

In recent years studies of journalistic genres have been promoting journalism major improvement in various media, constituting, then, highlight the space they need to get the universities to better prepare students for professional life. In this sense, our research has proposed to make a descriptive analysis in journalistic productions made by students in the 2008.2 class for the 4th year evening course in Social Communication in journalism from the Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Our analysis is not intended to criticize these productions nor correct them with qualitative analysis, we aimed to compare the texts analyzed with theories studied in the work aiming to show the extent to which these productions converge and diverge with these theories, bringing the discussion of relationship between theory and practice of journalistic genres in the process of initial training of Social Communicators enabled in journalism. One of the concerns of the research is set in the possibility to show to the academic community that the genre theory needs to be part of the training of students, mostly in terms of writing disciplines. Thus, we represent two of the problem issues: What teaching strategies that can be developed in the disciplines of textual production to enter effectively the theory of genres in the college of journalism? The method by which the theory of genres is being implanted into the university is suitable for the development of a professional journalist? Among the objectives include: encourage journalism students to apply the theory of genres in the texts produced in the university, explain to the academic community the value of techniques offered by the theory of genres in the production of journalistic news reporting and opinion article, show how the theory of genres is being inserted in the disciplines of textual production in the course of Social Communication at UEPB. This study is linked to Dialogic Theory of Discourse (TDL) disseminated by Bakhtin (2011) and others, and had theoretical contributions from authors like Corrèa (2003), Lakatos and Marconi (2013), Zanella (2009), Marcuschi (2008), Rodrigues (2005), Grillo (2004), Pena (2008), Xavier (2010). In the analysis we used the questionnaire in order to determine information to achieve the research objectives. The results allow us to conclude that the theory of genres is not being effectively inserted in the disciplines of writing university. Through the analysis of texts, we found a significant disparity of what students are understanding and consequently producing as journalistic genres. Our study is suitable to be exposed to students and teachers, contributing to a better academic education with regard to the production of journalistic genres in particular news, reportage and opinion article.

Keywords: Theory of Genres, Journalistic Genres, University.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Comparação das características existentes para a produção de notícia e reportagem. Extraído de Pena (2008, p. 76).....	31
QUADRO 02 – Gênero 01: Notícia.....	41
QUADRO 03 – Gênero 02: Reportagem.....	44-45
QUADRO 04 – Gênero 03: Artigo de opinião.....	47-48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I – O VALOR DA PESQUISA CIENTÍFICA NA UNIVERSIDADE.	16
1.1 O QUE PESQUISAR? COMO PESQUISAR? QUAL A FINALIDADE DE UMA PESQUISA ACADÊMICA?.....	17
1.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	20
1.2.1 Caracterização da área de estudo.....	21
1.2.1.1 A Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).....	21
1.2.1.2 O curso de Comunicação Social da UEPB.....	21
1.2.1.3 Análise do corpus: Turma 2008.2 de Comunicação Social da UEPB.....	22
CAPÍTULO II – PANORAMA DOS ESTUDOS DE GÊNEROS NO MUNDO E NO BRASIL: ALGUNS CONCEITOS.....	24
2.1 DEFINIÇÃO DE GÊNERO.....	25
2.2 GÊNEROS JORNALÍSTICOS.....	28
2.2.1 Gêneros informativos da esfera jornalística: a notícia.....	30
2.2.2 Gêneros informativos da esfera jornalística: a reportagem.....	30
2.2.3 Gêneros opinativos da esfera jornalística: o editorial, o comentário, a coluna, a resenha, a caricatura e a carta.....	32
2.2.4 Gêneros opinativos da esfera jornalística: O artigo de opinião.....	34
CAPÍTULO III – A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA NA FORMAÇÃO INICIAL DE COMUNICADORES SOCIAIS: O QUE OS DADOS DA PESQUISA NOS INDICAM?.....	36
3.1 DA TEORIA À PRÁTICA: UM OLHAR SOBRE O PERFIL ACADÊMICO DOS UNIVERSITÁRIOS E OS MÉTODOS DE PRODUÇÃO USADOS NA ELABORAÇÃO DOS TEXTOS.....	36
3.2 ANÁLISE REALIZADA EM FUNÇÃO DE TRÊS GÊNEROS ESTUDADOS: NOTÍCIA, REPORTAGEM E ARTIGO OPINATIVO.....	40
Em função do gênero notícia.....	40

Em função do gênero reportagem.....	43
Em função do gênero artigo opinativo.....	47
CONDIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS.....	55
APÊNDICES.....	57
APÊNDICE 01. Questionário-Entrevista Semiestruturada.....	58
ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PARA O ESTUDANTE QUE ESCREVEU A NOTÍCIA.....	58
APÊNDICE 02: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA O ESTUDANTE QUE ESCREVEU A REPORTAGEM.....	61
APÊNDICE 03: ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PARA O ESTUDANTE QUE ESCREVEU O ARTIGO.....	63
APÊNDICE 04: TERMO DE ACEITAÇÃO E CONCORDÂNCIA PARA A ANÁLISE DA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO ESTUDANTE DA TURMA 2008.2 REFERENTE AO 4º ANO NOTURNO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA (UEPB).....	65
ANEXOS.....	67
ANEXO 01: RESPOSTAS DOS ALUNOS AO QUESTIONÁRIO (ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA).....	68

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre gêneros têm proporcionado grandes mudanças na relação do homem com o mundo através da linguagem. A partir dessas modificações surgiu a necessidade em classificar esses gêneros de acordo com uma tipologia geral, seguindo suas peculiaridades e diferenças que trazem entre si. A classificação dos gêneros já era estudada desde a Grécia antiga por alguns filósofos, especialmente por Platão e Aristóteles.

Mikhail Bakhtin em seu livro *Estética da Criação Verbal* elabora uma classificação para os gêneros do discurso com o objetivo de determinar a natureza do enunciado. Nessa separação, divide os gêneros em primários e secundários.

Os estudos sobre gêneros evoluíram e tomaram novos rumos e novas categorizações. Especificamente sobre os gêneros jornalísticos, no ano de 1985 o professor José Marques de Melo organiza uma classificação desses gêneros em informativos e opinativos, conceitos tomados como base até hoje. Entre os gêneros informativos divididos pelo autor destacamos a notícia – um gênero jornalístico que se limita no relato de um acontecimento factual, com uma linguagem clara, concisa e impessoal – e a reportagem – texto que traz a narrativa abrangente de um fato, com investigações, comentários e questionamentos do jornalista – e entre os opinativos, o artigo de opinião – um gênero que utiliza uma linguagem objetiva, com verbos no presente e possui a argumentação como principal característica na busca pela persuasão do leitor.

Por entendermos que os estudos sobre gêneros jornalísticos é o principal causador desenvolvimento da qualidade de produções textuais de diversos meios de comunicação, reconhecemos a importância do espaço que eles devem obter nas universidades para melhor preparar os estudantes para a vida profissional.

Nesse sentido, essa pesquisa surge da necessidade de se investigar até que ponto os estudantes da turma 2008.2, referente ao 4º ano noturno do curso de Comunicação Social com habilitação em jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) produzem textos jornalísticos de acordo com conceitos teóricos sobre gêneros textuais.

Um dos questionamentos deste trabalho se configura na possibilidade de instigar aos alunos participantes (assim como aos que não participaram, mas que terão a oportunidade de ler o presente trabalho!) a produzirem textos jornalísticos com referencial teórico capaz de mostrar técnicas indispensáveis e necessárias para essa produção.

A escolha dessa temática se justifica pela necessidade de estabelecer a relação existente entre a teoria de gêneros e sua aplicação em produções jornalísticas elaboradas por alunos de jornalismo, buscando revelar a estudantes e professores (em especial aqueles que trabalham com produção de texto jornalístico) a extrema necessidade de que toda produção textual, em especial a jornalística, precisa estar vinculada a uma teoria.

Nessa perspectiva, acreditamos que o desenvolvimento desse trabalho estimule os estudantes de Comunicação Social na busca por conhecimentos teórico-práticos necessários para um bom desenvolvimento da atividade jornalística no mercado de trabalho, que busca cada vez mais profissionais capazes de apresentar na prática todos os métodos teóricos estudados na universidade, adequando-os, é claro, as exigências de sua realidade.

Diante do exposto, surgiram as seguintes problemáticas que determinaram a elaboração da presente pesquisa:

1. Quais as estratégias de ensino que podem ser desenvolvidas nas disciplinas de produção textual para inserir com eficácia a teoria de gêneros no curso superior de jornalismo?
2. O método como a teoria de gêneros está sendo implantada na universidade é adequado para a formação inicial de jornalista? e
3. Os estudantes de sentem instigados/orientados a produzirem textos jornalísticos seguindo a luz da teoria de gêneros?

Diante desses questionamentos citados, fica evidente mostrarmos se existe uma inclusão eficaz da teoria de gêneros nas disciplinas de produção textual da comunidade acadêmica estudada.

Metodologicamente, o estudo situou-se na área de produções textuais e teve como alvo produções jornalísticas elaboradas por estudantes da turma 2008.2 referente ao 4º ano noturno do curso de Comunicação Social com habilitação em jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). O trabalho vincula-se a uma pesquisa descritiva e adquiriu um caráter analítico-descritivo dos dados.

No contexto dos estudos sobre gêneros textuais na universidade, este trabalho tem como objetivo geral analisar textos jornalísticos produzidos por alunos de Comunicação Social da UEPB para identificar até que ponto o que os universitários estão produzindo tem haver com o que diz a teoria de gêneros, visando colaborar com mudanças positivas no uso de conhecimentos teóricos sobre gêneros textuais jornalísticos num contexto de formação inicial de jornalista.

A respeito dos objetivos específicos, destacamos:

- A) Estimular os alunos de jornalismo a aplicarem/desenvolverem a teoria de gêneros nos textos produzidos na universidade;
- B) Explicar a comunidade acadêmica o valor das técnicas oferecidas pela teoria de gêneros na produção de textos jornalísticos notícia, reportagem e artigo de opinião;
- C) Apresentar o perfil acadêmico dos autores dos textos usados na análise para identificar o hábito de leitura desses alunos em relação à teoria de gêneros, assim como suas concepções de produção sobre textos jornalísticos e
- D) Mostrar até que ponto a teoria de gêneros está sendo inserida nas disciplinas de produção textual no curso de Comunicação Social da UEPB analisadas nesta investigação.

É oportuno abirmos um parágrafo nesse momento para destacarmos que nossa intenção neste trabalho não recai em generalizar as análises feitas ao curso de jornalismo da UEPB como um todo. Elas são reflexos de um recorte metodologicamente situado e, como todo recorte, não satisfaz a totalidade, o que implica dizer que nossa reflexão analítica reside num contexto específico que não corresponde ao perfil geral do curso, nem ao perfil geral dos alunos de comunicação.

Na perspectiva das implicações teóricas, nossa pesquisa está vinculada a Teoria Dialógica do Discurso (TDL) difundida por Bakhtin, Voloshínov e outros. Do ponto de vista da teoria de gêneros, a pesquisa absorve contribuições advindas de autores como Corrêa (2003), Lakatos e Marconi (2005), Zanella (2009), Marcuschi (2008), Rodrigues (2005), Grillo (2004), Pena (2008), Xavier (2010), Galliano (1979), Duarte (2006), Costa Val (2003), Medina (1992), Squarisi & Salvador (2005), Lage (2008), Gomes (1992), Melo (1992), Coelho (1992), Rego e Amphilo (2010) Silva (1992), dentre outros.

Sobre a organização dos capítulos, esta monografia está dividida em: introdução, três capítulos – sendo um de procedimentos metodológicos, um de teoria e um teórico-analítico –, considerações finais, referências, apêndices e anexos. O Capítulo I – O valor da pesquisa científica na universidade – faz uma explanação da importância dos estudos científicos na universidade. Decidimos fazer esse levantamento porque essa análise será um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) planejado, elaborado e apresentado para a universidade como uma pesquisa acadêmica. Além disso, aborda o trajeto metodológico desenvolvido na pesquisa, mencionando questões sobre o tipo de pesquisa adotado, processos sugeridos e constitui uma contextualização entre o ambiente de estudo, análise do *corpus* e origem dos dados.

O Capítulo II – Panorama dos estudos de gêneros no mundo e no Brasil: alguns conceitos – traz uma discussão teórica sobre os conceitos e classificações dos gêneros do discurso e gêneros jornalísticos, com o intuito de mostrar a importância da inserção das técnicas desses conceitos nas disciplinas de produção textual no curso de jornalismo.

O Capítulo III – A produção jornalística na formação inicial de comunicadores sociais: o que os dados da pesquisa nos indicam? – apresenta um questionário seguindo a proposta de Lakatos e Marconi (2013) no sentido de mostrar o perfil acadêmico dos universitários que produziram os textos usados na análise. Com essa entrevista, objetivamos determinar informações para alcançar os objetivos da nossa pesquisa. Foram elaboradas oito perguntas abertas para cada entrevistado. Decidimos optar por esse tipo de perguntas porque observamos em Mattar (1994) que as questões abertas entre outras vantagens permitem avaliar melhor as atitudes para análise das questões estruturadas; são muito úteis como primeira questão de um determinado tema porque deixam o respondente mais à vontade para a entrevista a ser feita; cobrem pontos além das questões fechadas; têm menor poder de influência nos respondentes do que as perguntas com alternativas previamente estabelecidas.

O tempo para responder as perguntas ficou livre, oferecendo espaço suficiente para que os alunos pudessem se expressar livremente de acordo com os caminhos seguidos e realizados para a elaboração dos textos analisados e também alguns apontamentos sobre aspectos que se referem à universidade.

Ainda neste capítulo apresentamos a análise dos textos em função dos três gêneros analisados: notícia, reportagem e artigo: trata de uma análise descritiva realizada em 3 textos da esfera jornalística produzidos por estudantes da turma 2008.2, referente ao 4º ano noturno do curso de Comunicação Social com habilitação em jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), tendo como intuito confrontar as técnicas usadas pelos estudantes com as técnicas estabelecidas pela teoria de gêneros.

Nas Considerações Finais há uma exposição/reflexão sobre os objetivos assumidos na pesquisa, assim como os objetivos obtidos, a participação dos estudantes que escreveram os textos analisados, a indicação do estudo para a comunidade acadêmica, as contribuições para a área jornalística, as inquietações que permaneceram e as vertentes sugeridas para a realização de novos trabalhos acerca do tema.

Seguem as discussões metodológicas que nortearam a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

CAPÍTULO I – O VALOR DA PESQUISA CIENTÍFICA NA UNIVERSIDADE

Iniciaremos essa parte do trabalho com uma apresentação sobre a importância das pesquisas científicas realizadas na universidade. Elegemos fazer esse levantamento porque essa análise será um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) planejado, elaborado e apresentado para a universidade como uma pesquisa acadêmica. Por isso, para melhor entendimento elaboramos um panorama sobre os estudos científicos na universidade.

“A pesquisa científica é um instrumento altamente racional que pressupõe a ação qualificada de qualquer trabalho. É, portanto, necessária e imprescindível em todos os setores do conhecimento humano (humanísticos e científicos). Logo, é enorme sua importância na universidade” (CORRÊA, 2003, p. 23). A pesquisa na universidade além de ser um espaço oferecido aos estudantes para a produção e a disseminação do conhecimento proporciona competência necessária para alunos e professores se posicionarem diante dos fenômenos, no nosso caso, sobretudo, sociais.

Na academia, os estudos se apoiam em três pilares fundamentais que se interligam para promover a construção do conhecimento: ensino, pesquisa e extensão. Embora nosso foco nesse momento seja a pesquisa, faremos uma breve apreciação sobre ensino e extensão. O ensino é oferecido por meio dos professores que através de técnicas e conhecimentos constroem com os alunos o saber e os valores essenciais para se tornarem profissionais críticos e formadores de opiniões. O professor precisa procurar constantemente orientar seu ensino no sentido da busca reflexiva e criadora. “Quando ensina pesquisando está colaborando para fortalecer o intelecto e o espírito de ordem dos alunos, ao mesmo tempo em que o torna mais consciente de suas limitações acadêmicas, fazendo-os mais realistas e objetivos” (CORRÊA, 2003, p. 25).

A pesquisa, para Lakatos e Marconi (2013), é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais. Possui um papel principal na afirmação da universidade e além de servir de base para os demais pilares citados é observada como um procedimento metódico pelo qual se objetiva gerar novos conhecimentos ou contribuir com os já existentes.

A extensão, por sua vez, é caracterizada como sendo uma atividade que objetiva levar para o campo (sociedade) os conhecimentos que estudante/professor vêm produzindo na instituição. Nesse sentido, é importante destacar que toda pesquisa científica exige método

para sua realização, assim, entre outros conceitos, nos apoiamos em Galliano (1979) quando afirma que o método científico é

em linhas gerais, é um instrumento utilizado pela ciência na sondagem da realidade, mas um instrumento formado por um conjunto de procedimentos, mediante os quais os problemas científicos são formulados e as hipóteses científicas são examinadas. (GALLIANO, 1979, p. 32)

Deste modo, observamos que o método científico deve ser caracterizado como um conjunto de regras básicas usadas para a evolução da ciência, visando produzir conhecimentos.

1.1 O QUE PESQUISAR? COMO PESQUISAR? QUAL A FINALIDADE DE UMA PESQUISA ACADÊMICA?

As pesquisas universitárias voltadas para as Ciências Sociais Aplicadas oferecem um leque de possibilidades temáticas para a realização de um trabalho científico. A área de Comunicação Social¹ sem dúvida é um campo caracterizado por uma abrangência ainda maior. Seus estudos abrangem o jornalismo impresso, o rádio, a televisão, a internet, as atividades midiáticas não necessariamente jornalísticas, entre outros.

O certo é que todos esses campos de análise permitem ao estudante a criação de diferentes apreciações e interpretações para a elaboração de uma pesquisa acadêmica. Em uma amplitude de possibilidades, a escolha “certa” do tema é o primeiro passo para a obtenção de êxito na realização do trabalho acadêmico. Em seu livro “Fundamentos de Metodologia Científica”, Lakatos e Marconi (2013) apontam alguns critérios que podem nortear o estudante na escolha do tema, tais como: selecionar um assunto de acordo com as inclinações, as possibilidades, as aptidões e as tendências de quem se propõe a elaborar um trabalho científico; encontrar um objeto que mereça ser investigado cientificamente e tenha condições de ser formulado e delimitado em função da pesquisa.

Escolhido o tema, o estudante passa para a pesquisa bibliográfica, a utilização das contribuições de vários autores sobre o assunto escolhido. No conhecimento da bibliografia faz-se necessário consultar, ler, fichar os estudos já realizados sobre o tema, com espírito

¹ Citamos a área de Comunicação Social porque ela é nosso campo de estudo.

crítico, valendo-se da literatura especializada, a partir dos trabalhos mais gerais e indo para os estudos mais específicos (LAKATOS; MARCONI, 2013). Ainda segundo as autoras, outros pontos importantes a serem considerados são: relevância do assunto, áreas controversas ou obscuras, natureza e extensão da contribuição.

Ao passar por essa etapa o aluno precisa formular um problema de pesquisa, o qual deve ser considerado o alvo do estudo a ser examinado perante a pesquisa realizada. Lakatos e Marconi (2013) mencionam que o problema antes de ser considerado apropriado deve ser analisado sobre o aspecto de sua valorização: a- *viabilidade* - pode ser resolvido por meio da pesquisa; b- *relevância* - deve ser capaz de trazer conhecimentos novos; c- *novidade* - estar adequado ao estágio atual da evolução científica e trazer novo enfoque e/ou soluções; d- *exequibilidade* - pode chegar a uma conclusão válida e e- *oportunidade* - atender a interesses particulares e gerais.

Formulado o problema, é preciso apontar a justificativa, mencionar o porquê seu trabalho merece ser estudado. É o momento de abordar a importância da pesquisa para a sociedade. Para Corrèa (2003), a justificativa da problemática pelo pesquisador não só está ligada ao conhecimento do tema que vai desenvolver e às suas inclinações e interesses acadêmicos, mas também aos critérios de relevância, originalidade e viabilidade.

Definida a justificativa, seguem as demarcações dos objetos de estudo que se desdobram no esclarecimento do foco de importância da pesquisa. Os objetivos são divididos em: geral e específicos. O primeiro “mostra o caminho de seu pensamento como ação a ser alcançada e lhe concede uma visão global e abrangente do tema, relacionando-os com conteúdos intrínsecos, fenômenos e eventos das ideias estudadas” (CORRÈA, 2003, p. 61). Fica claro nesse posicionamento da autora que esse objetivo relaciona-se absolutamente com o problema e assim deve ser caracterizado como um esclarecimento central da pesquisa de forma ampliada. Já os específicos sugerem diferentes pontos a serem analisados, visando complementar o objetivo geral. Geralmente, para melhor definir os objetivos, o indicado é escrevê-los em uma frase utilizando o verbo infinitivo.

Elaborados os objetivos, é preciso partir para a metodologia, ou seja, o conjunto de métodos e técnicas usados na preparação do estudo. Este é o momento de elaborar uma explicação planejada de todo o caminho desenvolvido no trabalho, abarcando a natureza da pesquisa, do instrumento utilizado (questionário, entrevistas), as amostras, a coleta e o tratamento dos dados. Trata-se, portanto, do relato de tudo aquilo que o pesquisador usou no trabalho. A princípio, os passos a serem seguidos para a elaboração de uma pesquisa científica vão depender da natureza, ou seja, das características de produção adotada pelo pesquisador.

Esses métodos é que vão determinar o tipo de pesquisa adequado.

Há autores que caracterizam as pesquisas de acordo com os métodos usados na coleta dos dados, a exemplo da pesquisa bibliográfica que como a própria natureza do nome diz, se caracteriza a partir de fundamentos teóricos disponíveis em fontes bibliográficas, a exemplo de livros e trabalhos científicos. Segundo Stumpf (2006), num sentido restrito, é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico.

Outros autores apontam uma classificação quanto aos objetivos da pesquisa em: exploratória, descritiva e explicativa. Segundo Zanella (2009), a pesquisa exploratória tem a finalidade de ampliar o conhecimento a respeito de um determinado fenômeno. O planejamento da pesquisa exploratória é bastante flexível já que o pesquisador não possui clareza do problema nem da hipótese a serem investigados. A pesquisa se diferencia das demais pelo aumento e esclarecimento das ideias e tem como objetivo proporcionar a criação de questões pertinentes a respeito de um determinado fenômeno exploratório. A pesquisa descritiva, por sua vez, tem como objetivo o registro dos fatos, observando e analisando os elementos sem opinar sobre eles, procurando descobrir as especialidades dos elementos. Se presta a descrever as características de um determinado fato ou fenômeno (ZANELLA, 2009).

A pesquisa explicativa é aquela centrada na preocupação de identificar fatores determinantes ou contributivos ao desencadeamento dos fenômenos. Explicar a razão do fato ou fenômeno social. Também é importante situar o ambiente social de ocorrência. Portanto, a realidade tempo-espaço é fundamental na identificação de causa e efeito do evento social. Os seus procedimentos básicos são registrar, classificar, identificar e aprofundar a análise.

A pesquisa explicativa é mais indicada quando se objetiva, por exemplo, identificar a contribuição do programa “Mais Educação” do Governo Federal na qualificação profissional dos estudantes de escolas públicas da cidade de Campina Grande – PB. Os professores e diretores dessas escolas podem solicitar a realização da pesquisa e, por meios de resultados explicativos, mostrar a contribuição do programa no auxílio da educação dos estudantes, visando à importância dos programas extracurriculares para as escolas.

A pesquisa na graduação vem sendo cada vez mais incentivada pelas instituições de Fomento que concedem Bolsas de estudo para os estudantes que proporem a participar, individualmente ou em equipe, de Projetos de Pesquisa elaborados por professores pós-graduados (CORRÊA, 2003). Podemos observar que algumas universidades através de seus

programas institucionais colocam os alunos para desenvolverem pesquisa científica na instituição, a exemplo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) que através de seu Programa de Iniciação Científica objetiva, por exemplo, promover a participação do discente na produção do conhecimento e sua convivência cotidiana com o procedimento científico em suas técnicas, organização e métodos, despertar vocação científica e incentivar novos talentos entre estudantes de graduação e contribuir para a formação de recursos humanos para a pesquisa e redução o tempo médio de permanência dos alunos na pós-graduação para titulação de mestres e doutores.

Como vimos, a elaboração/produção de uma pesquisa acadêmica, assim como os outros trabalhos científicos, é uma atividade que almeja proporcionar ao estudante o conhecimento teórico-metodológico necessário para a formação de uma postura voltada para a descoberta científica.

1.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Nossa pesquisa, como já mencionado no texto da introdução, tem como objetivo fazer uma análise descritiva em produções jornalísticas elaboradas por estudantes do 4º ano noturno do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e, como toda prática de pesquisa científica, está vinculada a uma teoria: a Teoria Dialógica do Discurso (TDL) difundida por Bakhtin, Voloshínov e outros.

O presente estudo constituiu-se em uma pesquisa descritiva como propõe (ZANELLA, 2009) realizada no período de novembro de 2012 a março de 2013. No entanto, todos os textos foram produzidos em 2012, ano em que os alunos que colaboraram com a pesquisa estavam matriculados no 4º ano letivo. Nosso campo de pesquisa foi o curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), localizado atualmente na Central de Integração Acadêmica no bairro de Bodocongó em Campina Grande - PB.

Descrevemos nossa pesquisa como sendo descritiva, pois nosso trabalho tem por objetivo principal expor as características de um determinado fato ou fenômeno, observando e analisando os elementos sem opinar sobre eles, procurando descobrir as características dos fenômenos assim como sua relação com outros fenômenos. Em nosso trabalho utilizamos o questionário seguindo as características propostas por Lakatos e Marconi (2013).

1.2.1 Caracterização da área de estudo

1.2.1.1 A Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), atualmente dirigida pelo Prof. Antônio Guedes Rangel Júnior, está localizada no bairro de Bodocongó na cidade de Campina Grande - PB, a aproximadamente 120 km da cidade de João Pessoa - PB. Surgiu através da ação realizadora de Edvaldo do Ó e de seus colaboradores. Foi criada em março de 1996 e denominada inicialmente pelo nome de Universidade Regional do Nordeste. Porém, apenas no ano de 1987 quando foi sancionada a lei nº 4.977 é que a URNE foi transformada em UEPB, marcando a estadualização da universidade.

Um dos marcos na história da UEPB foi o seu reconhecimento pelo Conselho Nacional de Educação do MEC, uma conquista que representou uma grande importância para toda a comunidade acadêmica da universidade. Outro fato muito relevante na existência da Universidade Estadual da Paraíba foi a sua luta pela a Autonomia Financeira, a qual foi concedida através da Lei nº 7.643, de 6 de agosto de 2004, sancionada pelo governador Cássio Cunha Lima. A UEPB, após muita luta, estabeleceu uma nova fase em sua história.

A UEPB atualmente conta com 8 *campi* de ensino, fragmentados em várias cidades do estado: Campina Grande, Lagoa Seca, Guarabira, Catolé do Rocha, João Pessoa, Monteiro, Patos e Araruna. Possui hoje 46 cursos de graduação além de quatorze programas de pós-graduação, nível de mestrado, recomendados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Atualmente a UEPB é considerada referência na educação, haja vista que no ano de 2012, através do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE), o Ministério da Educação classificou o Curso de Computação da UEPB como o segundo melhor do país.

1.2.1.2 O curso de Comunicação Social da UEPB

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo, elaboradas pela Comissão de Especialistas e nomeada pela Portaria MEC-SESU 203/2009, recebeu a missão de repensar o ensino de Jornalismo no contexto de uma sociedade em processo de transformação. O jornalismo passa a ser tratado como um meio de comunicação responsável pela disseminação da informação e assim, como várias outras áreas do conhecimento, em uma

conjuntura de fortalecimento da democracia, desempenha um papel crucial na sociedade por ser responsável na formação de decisões sociais.

Empossada no dia 19 de fevereiro de 2009, sob a presidência do professor José Marques de Melo e integrada por Alfredo Vizeu, Carlos Chaparro, Eduardo Meditsch, Luiz Gonzaga Motta, Lucia Araújo, Sergio Mattos e Sonia Virginia Moreira, a Comissão decidiu ouvir preliminarmente a sociedade. O argumento para recorrer a essa metodologia foi a circunstância de ali atuarem as forças que configuram a fisionomia do Jornalismo Brasileiro, das fontes aos usuários, ou seja, da emissão à recepção das notícias e comentários. (Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo, 2009, p. 01).

Segundo o Projeto Político Pedagógico do Curso de Comunicação Social da UEPB, produzido no ano de 2011, no âmbito da UEPB, a elaboração e reformulação dos currículos dos cursos de graduação obedecem, doravante, a Resolução UEPB/CONSEPE/13/2005. De posse de tais prerrogativas legais mais recentes, formula-se esta nova proposta curricular, que pretende, sobretudo, uma atualização das demandas do ensino, em consonância com a pesquisa e a extensão, em face de toda essa conjuntura. O projeto tem como objetivo geral preparar profissionais da Comunicação Social capazes de reflexões críticas que visem um conhecimento transdisciplinar útil à sociedade e que resultem em execuções pragmáticas concernentes ao exercício do jornalismo no mundo contemporâneo.

O Curso de Comunicação Social da UEPB compõe o Centro de Ciências Sociais Aplicadas e tem como finalidade formar profissionais habilitados em jornalismo para atuarem em diversos meios de comunicação (jornais, revistas, internet, televisão). Está localizado no Centro de Integração Acadêmica em Campina Grande - PB. Alguns estudos apontam que o curso teve seu início em 02 de outubro de 1973 ligado ainda a antiga Universidade Regional do Nordeste URNE, e após cinco anos, em 20 de novembro de 1978 com o Decreto 82.673/7 conseguiu seu reconhecimento legal.

Esse curso compõe hoje mais de 30 atividades básicas (componentes curriculares) referentes à disciplina e mais de 10 atividades complementares. Dispõe de departamentos de estudo nas áreas de telejornalismo, radiojornalismo, fotojornalismo, informática e multimídia e possui um corpo docente efetivo formado por graduados, especialistas, mestres e doutores.

1.2.1.3 Análise do *corpus*: Turma 2008.2 de Comunicação Social da UEPB

Em diálogos informais com alunos do curso de Comunicação Social com habilitação em jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), observamos que o grande desafio

desses alunos está em aprender na universidade as técnicas fundamentais para a elaboração de um bom texto jornalístico, o que certamente acarretará um destaque na conquista por uma vaga no mercado de trabalho. Por entendermos que a academia é o único ambiente que proporciona ao estudante a articulação entre teoria e prática para o desenvolvimento de um conhecimento crítico, nos propomos a analisar, através dessa pesquisa, os métodos usados por universitários da referente instituição na produção de textos jornalísticos.

Os sujeitos do estudo foram estudantes de jornalismo da turma 2008.2 (cursando o quarto ano letivo) noturno da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) que produziram textos jornalísticos durante o cumprimento curricular das disciplinas Edição e Jornalismo Cultural.

O *corpus* de análise foi composto por três produções: uma notícia, uma reportagem e um artigo de opinião. Escolhemos esses textos entre sete produções disponibilizadas pelos alunos para o estudo. Nosso critério de seleção para a escolha dos textos foi baseado sobre a natureza dos gêneros, e já que tínhamos duas notícias, três reportagens e dois artigos, elegemos analisar três textos que apresentam características estruturais específicas e diferentes entre si.

Selecionamos esses textos para nossa análise por se tratar de produções elaboradas por estudantes que já passaram por um longo período de conhecimento teórico na universidade. Nosso objetivo é mostrar como eles aplicaram, na prática, o que aprenderam na teoria, de acordo com a carga de disciplinas acumuladas e comprovadas em histórico acadêmico ao longo de três anos de curso.

No estudo não havia restrição sobre sexo, embora todos os textos usados na análise foram de estudantes do sexo feminino, e nem tão pouco de estudantes que já estivessem no mercado de trabalho, com estágios ou outras atividades extracurriculares. O único critério utilizado foi o de que todos estivessem produzindo textos jornalísticos voltados no contexto das atividades acadêmicas das referidas disciplinas.

A seguir, apresentaremos os conceitos teóricos que embasaram esta investigação.

CAPÍTULO II – PANORAMA DOS ESTUDOS DE GÊNEROS NO MUNDO E NO BRASIL: ALGUNS CONCEITOS

As mudanças ocorridas na comunicação através das novas tecnologias têm transformado a relação do homem com o mundo através da linguagem. Essas mudanças proporcionam além do aparecimento de novos gêneros a elaboração de relevantes estudos com o objetivo de identificar a função desses gêneros na sociedade. Essa preocupação sobre os estudos de gênero vem desde a Grécia antiga com os filósofos Platão e Aristóteles que a partir da preocupação em separar os textos em categorias, baseados nas semelhanças entre literatura e realidade, criaram uma definição voltada para a poética e para a retórica, cujas particularidades são diferenciadas pela forma de reprodução.

Com o passar do tempo, outras concepções de gêneros surgiram, agora voltados para a linguística e em particular nas perspectivas discursivas. Marcuschi (2008) mostra essas correntes de estudos no Brasil, onde existem várias tendências no tratamento de gêneros textuais:

- 1- Uma linha bakhtiniana alimentada pela perspectiva de orientação vygotskyana socioconstrutiva da Escola de Genebra representada por Schneuwly/Dolz e pelo interacionismo sociodiscursivo de Bronckart. Essa linha de essencialmente aplicativo ao ensino de língua materna é desenvolvida particularmente na PUC/SP.
- 2- Perspectiva “swalesiana”, na linha da escola norte-americana mais formal e influenciada pelos estudos de gêneros de John Swales (1990) tal como se observa nos estudos da Universidade Federal do Ceará, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal de Santa Maria e outros pólos.
- 3- Uma linha marcada pela perspectiva sistêmico-funcional é a Escola Australiana de Sydney, alimentada pela teoria-funcionalista de Halliday com interesse na análise linguística dos gêneros e influente na Universidade Federal de Santa Catarina.
- 4- Uma quarta perspectiva menos marcada por essas linhas e mais genial, com influências de Bakhtin, Adam, Bronckart e também os norte-americanos como Charles Bazerman, Carolyn Miller e outros ingleses e australianos como Günther Kress e Norman Fairclough, é a que se vem desenvolvendo na Universidade Federal de Pernambuco e na Universidade Federal da Paraíba.

Como exposto, observamos que existem várias linhas de estudos sobre gêneros. Todavia, neste trabalho partiremos da perspectiva pensada por Bakhtin por dois motivos fundamentais. O primeiro deles é por constatar que seus conceitos são tomados como base na

maioria dos estudos sobre gênero, tanto na linguística, quanto no jornalismo. O segundo se deve a importância de suas observações acerca do tema.

2.1 DEFINIÇÃO DE GÊNERO

Para Bakhtin, gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados orais e escritos formados nas diferentes esferas sociais de utilização da língua. Toda atividade humana é caracterizada pelo uso da língua. Os gestos, a oralidade e a escrita estão presentes na sociedade através de manifestações linguísticas que aparecem de forma diversificada. Bakhtin (2011) discute o uso da língua nas atividades humanas:

todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam multiformes quanto os campos da atividade humana (...). O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana (...). Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só pelo seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem (...) mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos conteúdo temático, o estilo, a construção composicional- estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação (...). Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2011, p. 261)

Nessa passagem percebemos três conceitos principais, o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. Essas entidades, para Bakhtin, são fundamentais para a elaboração dos enunciados e estes nos gêneros do discurso. Para Grillo (2004), o estilo no enunciado reflete a individualidade do locutor e o estilo de gênero corresponde à maneira de representar o estilo individual. É a expressividade, isto é, a relação de valor com o objeto do discurso, é um elemento constitutivo de todo enunciado.

Para Rodrigues (2005), todo gênero tem um conteúdo temático determinado: seu objeto e finalidade discursiva, sua orientação de sentido específica para com ele e os outros participantes da interação. Grillo (2004), diz que é o resultante da inter-relação entre uma

esfera social de comunicação verbal. Segundo Bakhtin/Volochínov (2009) o tema da enunciação é determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação. Se perdermos de vista os elementos da situação, estaremos tão pouco aptos a compreender a enunciação como se perdêssemos suas palavras mais importantes. O tema da enunciação é concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual ela pertence. Somente a enunciação tomada em toda a sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema. Isto é o que se entende por tema da enunciação.

Segundo Bakhtin (2011, p. 284), o estilo está indissolúvelmente ligado ao enunciado e a formas típicas de enunciados, isto é, aos gêneros do discurso. “O enunciado - oral e escrito, primário e secundário, em qualquer esfera da comunicação verbal - é individual, e por isso pode refletir a individualidade de quem fala (ou escreve)”. Ainda segundo o autor, o estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (relação com o ouvinte, ou com o leitor, com o interlocutor, com o discurso do outro, etc.).

Podemos exemplificar esse posicionamento através dos gêneros “e-mail pessoal e e-mail institucional”. O primeiro é caracterizado por uma linguagem informal com manifestação de afinidade entre os sujeitos no processo de comunicação. Possui características linguísticas específicas do gênero adequadas de acordo com o destinatário: “*querido amigo*”, “*amada irmã*”, “*meu amor*”. O segundo com uma linguagem formal, com manifestação de distanciamento entre os sujeitos no processo de comunicação. Possui características linguísticas específicas do gênero adequadas de acordo com o destinatário: “*senhor*”, “*prezado*”, “*ilustríssimo*”.

A construção composicional engloba os elementos das composições compartilhadas pelos textos pertencentes aos gêneros. Para Costa Val (2003), os gêneros estabelecem padrões de estrutura composicional, isto é, modos típicos de organização do texto quanto a que partes o compõem e como elas se distribuem. Segundo Rodrigues (2005), outra dimensão constitutiva do gênero é a sua composição. Conforme Bakhtin (2011), uma das causas da questão geral dos gêneros do discurso não ter sido abordada provavelmente se deve à grande diversidade e de sua composição, resultante da diversidade e heterogeneidade da atividade humana, o que não permitiria um plano comum para seu estudo.

Nesse sentido, observamos que os variados campos das atividades sociais determinam a origem dos tipos de discurso. Na verdade, os gêneros estão relacionados ao uso da escrita e da

fala que se fundamentam em formas padrão, “relativamente estáveis” de enunciados e, por essa razão, produzimos diariamente em nossos processos comunicativos os gêneros do discurso.

Estamos nos deparando a todo o momento com gêneros do discurso, seja em uma simples conversa informal ou até mesmo na elaboração de um artigo com argumentos persistentes. Eles são usados a todo o momento no processo de comunicação, às vezes até de forma inconsciente e representam uma lista numerosa para os sujeitos falantes. A este respeito Bakhtin (2011) diz que

a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integrável o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2011, p. 262)

Nesse argumento, podemos perceber que os gêneros do discurso devem ser tratados como práticas sociais, pois além de dinâmicos passam por um processo de modernização para melhor atender as necessidades existentes na sociedade, o que resulta na construção de novos gêneros do discurso.

Como forma de exemplificar esta realidade temos o gênero diário, tipo de caderno usado por várias pessoas para expor comentários íntimos de experiências pessoais. Uma prática social e comunicativa que perdeu espaço para o gênero blog ou diário virtual: um ambiente em que as pessoas expõem registros imediatos de suas opiniões, notícias e qualquer outro tipo de conteúdo. Diante disso, observamos que o diário não foi extinto, apenas passou por uma variação proporcionada pelo avanço tecnológico para melhor suprir as necessidades da sociedade contemporânea.

Como a sociedade, os gêneros também passam por modificações. Cada processo social gera um determinado gênero com características particulares. Nesse sentido, devido à diversidade dos gêneros, Bakhtin (2011) elabora uma classificação dividindo os gêneros em dois grupos: gêneros primários – aqueles relacionados aos processos comunicativos que fazem parte do cotidiano, diálogos informais, a carta, o bilhete – e gêneros secundários – aqueles abordados através da escrita e envolve uma linguagem mais elaborada como o romance, os artigos científicos, o teatro. Ainda nas palavras de Bakhtin (2011), ambos os gêneros foram criados com o propósito de determinar a natureza do enunciado, a diferença entre eles é o nível de complexidade a que são expostos.

2.2 GÊNEROS JORNALÍSTICOS

A união entre teoria e prática é um dos critérios que mais aproxima da “perfeição” a realização de uma atividade, seja esta na área do direito, da educação, da saúde e principalmente do jornalismo, área do presente estudo. Partindo desse pressuposto, observamos que, desde sempre, o estudo dos gêneros jornalísticos ocupou um lugar de destaque nos cursos superiores de jornalismo. Os Estados Unidos foi um dos primeiros países a desenvolver o ensino do jornalismo no século XIX, dando ênfase ao treino da escrita e da edição. Desde o período citado, os cursos superiores de jornalismo não pararam de aumentar e o jornalismo passou a ser observado como uma área de conhecimento que merecia evidência em uma ciência específica, sendo conduzido para a área das Ciências Sociais, ganhando um campo de investigação característico: as Ciências da Comunicação.

As Diretrizes Curriculares Nacionais estabelecidas pela Portaria Ministerial nº 203/2009, de 12 de fevereiro de 2009, presidida pelo professor José Marques de Melo, mostram a importância do estudo dos gêneros jornalísticos nos cursos superiores de jornalismo, mencionando que o egresso dos profissionais ao saírem da universidade em suas competências pragmáticas deve “dominar metodologias jornalísticas de apuração, depuração, aferição, produção, edição e difusão; conhecer conceitos e dominar técnicas dos gêneros jornalísticos” (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA O CURSO DE JORNALISMO, 2009, p. 18).

De um modo geral, os programas das disciplinas sobre gêneros jornalísticos na universidade remetem a uma introdução teórico-prática sobre as técnicas para a boa elaboração de um texto jornalístico, englobando o uso da linguagem, do estilo, da estrutura etc.

No jornalismo, o editor Samuel Berkeley, foi o primeiro estudioso a propor uma classificação para os gêneros jornalísticos, no começo do século XVIII, quando resolveu separar o conteúdo do jornal Daily Courant em News (notícias) e comments (comentários) (PENA, 2008). Depois de muito tempo, mas seguindo essa categorização, os estudos sobre gêneros jornalísticos ganharam um novo rumo: os autores começaram a escrever visando a separação entre forma e o conteúdo para se posicionarem intencionalmente com objetivo de causar impacto na sociedade.

Para Pena (2008), os gêneros jornalísticos tratam basicamente de ordenações e classificações. Segundo o estudioso, é fornecer um mapa para a análise de estratégias do discurso, tipologias, funções, utilidades e outras categorias, ou seja, propõe uma classificação a posteriori com base em critérios a priori.

Ainda segundo o autor, a Universidade de Navarra, na Espanha, foi um dos primeiros centros de investigação a sistematizar o estudo dos gêneros jornalísticos, a partir de 1959. Inicialmente, os textos foram divididos em informativos, explicativos, opinativos e de entretenimento. No Brasil, Luiz Beltrão, foi o pioneiro seguido pelo professor José Marques de Melo que propõe uma classificação dividindo os gêneros jornalísticos em duas categorias qualificadas de acordo com sua funcionalidade: os gêneros caracterizados como categoria de jornalismo informativo são nota, notícia reportagem e entrevista e os caracterizados como categoria de jornalismo opinativo como o editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta.

Os gêneros informativos apresentam como características a não exposição da opinião, do julgamento, da ideologia. É necessária a objetividade na apresentação da informação factual. Medina (1992, p. 101), segundo a análise das duas divisões dos gêneros jornalísticos de Melo (1985), mostra as características dos gêneros informativos nota, notícia, reportagem e entrevista:

a nota corresponde ao relato de acontecimentos que estão em processo de configuração e por isso, é mais frequente no rádio e na televisão. A notícia é o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. A reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística. Por sua vez, a entrevista é um relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-lhes um contato direto com a coletividade. (MEDINA, 1992, p. 101)

Os gêneros jornalísticos são considerados a matéria prima dos meios de comunicação. É através deles que o jornalismo pode ser avaliado como um construtor de ideias e um formador de opiniões. Na sua elaboração, o jornalista deve observar os critérios de tratamento das informações. A escolha dos assuntos a serem produzidos também deve passar por um ríspido trabalho de seleção. Linguagem usual, verbos na voz ativa, deve compor a produção jornalística.

Além das frases curtas que, segundo Squarisi & Salvador (2005), marcam o estilo jornalístico, o leitor só consegue dominar determinado número de palavras antes que seus olhos peçam uma pausa. Se a frase for muito longa, ele se sentirá perdido, sem capacidade de compreender-lhe o completo significado. É preferível, por isso, sentenças de, no máximo, 150 toques. A frase curta tem duas vantagens. Uma: diminui o número de erros. Com ela, tropeçamos menos nas conjunções, nas vírgulas e nas concordâncias. A outra: torna o texto

mais claro. Clareza é, disparado, a maior qualidade do estilo. “Montaigne, há quatrocentos anos, ensinou: o estilo deve ter três qualidades — clareza, clareza, clareza” (SQUARISI; SALVADOR, 2005, p. 22).

2.2.1 Gêneros informativos da esfera jornalística: a notícia

A notícia é um gênero jornalístico que apresenta a verdadeira expressão de um fato novo, deve conter uma linguagem clara, impessoal, concisa e adequada ao veículo que a transmite. Diferencia-se dos demais gêneros jornalísticos porque consiste na informação centrada na imparcialidade e factualidade. Segundo Xavier (2010), as principais características da notícia são o uso de uma linguagem precisa, que se limita unicamente no relato de um fato. Há marca de temporalidade e a apresentação de *lead* (termo jornalístico que representa a abertura de uma matéria e que tenta responder a perguntas essenciais: o que? por quê? onde? como? quando?).

Ainda segundo o autor, o tipo de *lead* condensado é o mais tradicional. Sua atenção está em responder as perguntas básicas da notícia: que, quem, quando, como, onde e por quê. O *lead* condensado sumariza os fatos principais de maneira clara e uniforme. O tipo de *lead* condensado é o mais tradicional e sua atenção está em responder as perguntas básicas da notícia: que, quem, quando, como, onde e por quê.

Além do tipo de *lead* citado pelo autor, existem vários tipos de *leads* que podem ser usados por jornalistas na elaboração de um texto para o noticiário, são eles: o *lead* duro (o qual relata à audiência, detalhes vitais da informação) e o suave (que utiliza abordagens mais leves, essa abordagem é chamada de “aquecimento” da audiência). O *lead* pode ser de vários tipos e deve ser entendido como a primeira parte de uma notícia, geralmente posta em destaque relativo, que fornece ao leitor a informação básica sobre o tema e pretende prender-lhe o interesse. Concebe-se o *lead* também como um resumo inicial, constituído dos elementos fundamentais do relato a ser desenvolvido no corpo da matéria.

2.2.2 Gêneros informativos da esfera jornalística: a reportagem

A reportagem tem como objetivo levar os fatos ao público de maneira abrangente. Enquanto a notícia informa fatos de maneira mais prática e aponta as causas e implicações. A

reportagem vai mais além, ela faz investigações, tece comentários, levanta questionamentos. Para Lage (2008), a definição de reportagem é a exposição que combina interesse do assunto com o maior número possível de dados, formando um todo compreensível e abrangente.

O gênero reportagem tem como objetivo principal ampliar as informações divulgadas pela notícia. Ela historiciza os acontecimentos e abre espaço para mostrar aos leitores as consequências que um fato pode gerar, analisando suas origens e discutindo suas implicações. A reportagem além de trazer em seu corpo a informação, traz também a interpretação assim como a adjetivação, critérios que ajudam o jornalista na construção cronológica de uma boa matéria. Nesse sentido, mostraremos um quadro comparativo entre notícia e reportagem para melhor expor suas peculiaridades no trato dado à informação.

A notícia apura fatos	A reportagem lida com assuntos sobre fatos
A notícia tem como referência a imparcialidade	A reportagem trabalha com o enfoque, a interpretação
A notícia opera em movimento típico da indução (do particular para o geral)	A reportagem, com a dedução (do geral, que é o tema, ao particular – os fatos)
A notícia atém-se à compreensão imediata dos dados essenciais	A reportagem converte fatos em assunto, traz a repercussão, o desdobramento; aprofunda
A notícia independe da intenção do veículo (apesar de não ser imune a ela)	A reportagem é produto da intenção de passar uma “visão” interpretativa
A notícia trabalha muito com o singular (ela se dedica a cada caso que ocorre)	A reportagem focaliza a repetição, a abrangência (transforma vários fatos em tema)
A notícia relata formal e secamente – a pretexto de comunicar com imparcialidade	A reportagem procura envolver, usa a criatividade como recurso para seduzir o receptor
A notícia tem pauta centrada no essencial que recompõe um acontecimento	A reportagem trabalha com pautas mais complexa, pois aponta para causas, contextos, consequências, novas fontes

QUADRO 1 – Comparação das características existentes para a produção de notícia e reportagem. Extraído de Pena (2008, p. 76)

A reportagem e a notícia não se diferenciam apenas pela extensão e abrangência, mas também pelas peculiaridades de discurso e a modos de enunciação. Alguns aspectos ajudam o repórter na produção de uma reportagem: o tratamento narrativo que o repórter dá ao fato, a humanização do relato, principalmente quando mais passa pelo caráter impressionista do narrador. O repórter é “aquele que está presente”. Nas palavras de Lage (2008, p. 23), o repórter está onde o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar. “Tem uma delegação ou representação táctica que o autoriza a ser os ouvidos e os olhos remotos do público, selecionar e

lhe transmitir o que possa ser interessante. Essa função é exatamente a definida como a de agente inteligente”. O repórter serve de ponte entre o leitor e o acontecimento.

2.2.3 Gêneros opinativos da esfera jornalística: o editorial, o comentário, a coluna, a resenha, a caricatura e a carta

O jornalismo opinativo é uma atividade jornalística que exige do profissional a capacidade para opinar através de argumentações bem fundamentadas a defesa do seu ponto de vista para solucionar o problema abordado, buscando convencer o leitor que sua posição é a correta e deve ser acompanhada. No livro *Gêneros Jornalísticos na Folha de S. Paulo* alguns autores definem as características de alguns gêneros jornalísticos segundo os posicionamentos de José Marques de Melo, a exemplo de Gomes (1992, p. 18) que aborda as propriedades de alguns gêneros opinativos. “Pode-se dizer que a opinião da imprensa é manifestada através do editorial. A opinião do profissional, através do comentário, da coluna, resenha, crônica, caricatura e, eventualmente, do artigo. Do colaborador, através do artigo; e do leitor, através da carta”.

Segundo as palavras de Melo (1992, p. 12), “o editorial afigura-se como um “espaço de contradições”, acomodando as opiniões próprias dos donos da empresa com aquelas procedentes dos segmentos sociais com os quais o jornal mantém vínculos”. O editorial é um texto de natureza jornalístico opinativo não assinado, elaborado a partir de acontecimentos recentes e de repercussão social. Permite várias interpretações sobre as quais o autor toma posição de defesa ou contestação, ainda nesse texto podemos encontrar um efeito de linguagem objetiva. Na construção do argumento, podem ser empregados vários recursos, como comparações, ilustrações, citações etc.

Coelho (1992, p. 75) menciona que para delimitar teoricamente o espaço do comentário, é necessário partir de dois princípios: a produção e a estrutura dos textos. O comentarista deve ter sempre uma vinculação funcional com a empresa, mesmo que em um sistema de *free-lance*² fixo. Ele deve ser alguém cuja opinião seja respeitada e que conte com dados privilegiados, que não estejam normalmente ao alcance do leitor do periódico ou dos espectadores da emissora. O comentarista deve ser capaz, a partir de sua bagagem informativa e da avaliação dos novos fatos, de emitir julgamentos rápidos e prever seus possíveis desdobramentos.

² Termo usado para nomear o profissional/jornalista autônomo que presta serviços em diferentes empresas.

Com relação ao gênero coluna, o seu surgimento se deu quando o leitor passou a procurar nos jornais matérias diferenciadas das matérias frias e doutrinárias existentes. Essa nova exigência do público fez com que os jornais passassem a produzir textos com personalidade. Nesse sentido, emergem as seções de responsabilidade de jornalistas conhecidos, trazendo espaços nos jornais dotados de importância informativa e vigor pessoal. Rego e Amphilo (2010) subdividem o colunismo em três partes: 1) o colunismo atende a uma necessidade de satisfação substitutiva existente no público leitor; 2) o colunismo tem a função de “balão de ensaio”: insinua fatos, lança ideias sugere situações, com a finalidade de avaliar as repercussões e 3) alimentando a vaidade de pessoas importantes, o colunismo oferece modelos de comportamento, estimulando o modismo. Dessa forma, o colunismo participou, e continua vivo na imprensa brasileira como um mecanismo de reprodução social e de controle político da sociedade.

A resenha jornalística pode ser caracterizada como um gênero que busca orientar o leitor para consumir produtos culturais. Para Rego e Amphilo (2010, p. 103), a resenha, enquanto categoria do gênero opinativo, “continua evoluindo na imprensa brasileira e aparecendo de diversas formas, às vezes muito simples e outras mais elaboradas. Isso ocorre de acordo com o público-alvo do veículo informativo”. Por vezes, nos jornais considerados mais populares, a resenha aparece poucas vezes e, em algumas delas, aproxima-se do roteiro, enquanto um pequeno comentário de um filme ou peça teatral, com objetivo de consumo de bens culturais.

A crônica é um gênero jornalístico com linguagem literária. Consiste no relato dos fatos cotidianos e possui como uma das principais características a apresentação do ponto de vista do seu autor, pode envolver as tipologias textuais narração, descrição e reflexão. Segundo Rego e Amphilo (2010), forma de expressão do jornalista/escritor, a crônica tem por objetivo transmitir ao leitor seu juízo sobre fatos, ideias e estados psicológicos pessoais e coletivos. Tem, em seu sentido tradicional, o relato de acontecimento de ordem cronológica (*kronos* = tempo), reportando-nos a atualidade, ao momento, ao instante. Na sua origem, era um gênero histórico.

Segundo as palavras de Silva (1992, p. 48), “a caricatura como gênero jornalístico opinativo e possui uma missão social. Ela pode aparecer através de textos ou pelo impacto da imagem do desenho, de adsorção imediata pelo leitor”. Sendo assim, é um tipo de manifestação que só se desenvolve e sobrevive em regimes democráticos, devido às suas características de crítica social e aos donos do poder, minguando, portanto, nos regimes autoritários. Apesar de ser usada para enfatizar o exagero das características de determinadas

personalidades, a caricatura também traz consigo um papel importante na sociedade: ela consegue através da imagem humorística persuadir, de forma mais eficaz que os demais gêneros jornalísticos seu leitor, justamente pela rápida permissão que ela oferece de perceber a opinião anunciada.

Para Rego e Amphilo (2010), a adoção de uma seção de cartas vai dar aos impressos, também, a oportunidade de conhecer o pensamento do seu público e a evolução desse formato vai possibilitar o nascimento de inúmeras formas de interatividade, nos mais diversos suportes midiáticos, que, por suas características específicas, vão tornar relacionamento cada vez mais próximo entre audiência e veículo de comunicação. A carta é o único espaço destinado para abordar a opinião do leitor, é o lugar que, segundo alguns jornais, o cidadão pode recorrer para expor sua posição diante da sociedade.

2.2.4 Gêneros opinativos da esfera jornalística: O artigo de opinião

A todo o momento estamos nos deparando com assuntos que remetem a realidade da nossa sociedade e, muitas vezes, temos que nos posicionar para melhor entender tais questões. Por exemplo, a cota universitária é a melhor forma de inserir os negros na universidade? a pena de morte seria a saída contra a violência? Para melhor entender esses e outros assuntos, encontramos nos mais variados meios de comunicação os ARTIGOS DE OPINIÃO, espaços onde um autor com credibilidade expressa seu ponto de vista.

Se um emissor emite uma mensagem a um destinatário, ele certamente objetiva algo a mais além do seu entendimento. É onde entra à persuasão do comunicador, esse convencimento pode ser caracterizado como o processo pelo qual conseguimos influenciar outra pessoa para seguir nosso ponto de vista. Podemos dizer, inicialmente, que o artigo é um gênero jornalístico formador de opinião. É um espaço para profissionais com credibilidade social expor suas ideias através da escrita. Possui como características a apresentação de um título polêmico e provocador, exhibe verbos predominantemente no presente, linguagem objetiva. A argumentação é a principal particularidade desse gênero, pois é através dele que o autor objetiva persuadir seu leitor a adotar a opinião apresentada.

Segundo Rego e Amphilo (2010, p. 102), “os autores de artigos normalmente são pensadores, escritores e especialistas em diversos campos e cujos pontos de vista interessam ao conhecimento e divulgação do editor e seu público típico”. Ainda segundo as estudiosas, os articulistas são convidados, raramente um autor desconhecido do editor e do público tem as horas de inclusão de seu artigo na página nobre do jornal. Assim, como os cronistas, os

articulistas, em alguns casos, são literatos e como não são submetidos à pressão do dia a dia podem elaborar com mais tranquilidade sua matéria: o que, às vezes, as tornam ontológicas!

Para Gomes (1992), o artigo pode ser caracterizado sob o ponto de vista formal e sob o ponto de vista da finalidade. No primeiro caso, identificam-se duas espécies: o artigo propriamente dito e o ensaio, as quais se distinguem pelo tratamento dado à matéria e pelo teor da argumentação. No segundo caso, distinguem-se o artigo doutrinário e o artigo científico. Este último podendo ser de divulgação ou educativo. O artigo de divulgação enquadra-se no jornalismo científico e o educativo, no jornalismo especializado. O artigo doutrinário é o especificamente jornalístico. Ainda segundo o autor, o artigo, por ser uma colaboração, confere liberdade ao seu autor. Trata-se de uma liberdade com relação ao tema, ao juízo de valor e à maneira de expressão verbal.

Nesse momento, abriremos o espaço da discussão para relatarmos o que os dados da pesquisa nos indicam. Nesses termos, apresentaremos o último capítulo deste Trabalho de Conclusão de Curso.

CAPÍTULO III – A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA NA FORMAÇÃO INICIAL DE COMUNICADORES SOCIAIS: O QUE OS DADOS DA PESQUISA NOS INDICAM?

3.1 DA TEORIA À PRÁTICA: UM OLHAR SOBRE O PERFIL ACADÊMICO DOS UNIVERSITÁRIOS E OS MÉTODOS DE PRODUÇÃO USADOS NA ELABORAÇÃO DOS TEXTOS

Nesta parte do trabalho nossa finalidade é observar o perfil acadêmico dos estudantes que colaboraram com a pesquisa, assim como as condições de produção em que os textos analisados foram escritos. Para essa observação, decidimos fazer uso do questionário seguindo a proposta de Lakatos e Marconi (2013) com a intenção de determinar informações para alcançar os objetivos do Trabalho de Conclusão de Curso.

O questionário é uma ferramenta utilizada pelo pesquisador para a obtenção de dados em diversas pesquisas sociais e se caracteriza por apresentar um conjunto de questões que objetiva fornecer maior conhecimento sobre o corpus analisado.

Alguns autores mencionam que as questões mais usadas em pesquisas acadêmicas são as abertas, de múltipla escolha e dicotômicas³. Todavia, elegemos, apenas, por perguntas abertas, pois, segundo Mattar (1994), entre outras vantagens, as questões abertas são muito úteis como primeira questão de um determinado tema, porque deixam o respondente mais à vontade para a entrevista a ser feita; cobrem pontos além das questões fechadas; têm menor poder de influência nos respondentes do que as perguntas com alternativas previamente estabelecidas; proporcionam comentários, explicações e esclarecimentos significativos para se interpretar e analisar as perguntas com respostas fechadas; evita-se o perigo existente, no caso das questões fechadas, do pesquisador deixar de relacionar alguma alternativa significativa no rol de opções.

Nessa perspectiva, consideramos oportuno apresentar algumas perguntas com as respostas, na íntegra, dos alunos que escrevem os textos analisados, conforme Anexo 1.

Questionado se o professor da universidade apresentou um estudo prévio sobre a produção de uma notícia jornalística, mostrando suas características e propriedades, o aluno que produziu a notícia respondeu:

³ Quando a questão apresenta apenas duas opções de resposta para o entrevistado. É considerado o formato mais básico de perguntas fechadas.

-Sim, ela fez um breve resumo do que se tratava uma notícia, visto que, por se tratar de uma produção para o quarto ano, ficou subtendido por ela que já tínhamos total domínio e conhecimento do assunto. O que, infelizmente, não procede.

No posicionamento do aluno é possível verificarmos a ausência de uma discussão teórica aprofundada sobre o gênero notícia em sala de aula. E essa deficiência vem sendo aplicada anteriormente como o próprio aluno diz: *“por se tratar de uma produção para o quarto ano, ficou subtendido por ela que já tínhamos total domínio e conhecimento do assunto. O que, infelizmente, não procede”*.

É notória no trecho citado a distância que os conceitos teóricos do gênero notícia está recebendo neste contexto de ensino-aprendizagem de gêneros, um conhecimento que os docentes necessitam envolver melhor no cotidiano acadêmico para oferecer uma formação teórica/prática mais eficaz.

Questionado se após a produção da notícia teve uma correção do texto pelo professor da universidade com a exposição das observações/correções devolvido, o aluno que produziu a notícia respondeu:

-Apenas com correção ortográfica. Nenhuma grande apreciação à respeito da produção jornalística em si.

Nessa resposta percebemos a importância da correção ortográfica no texto corrigido, apesar de há reconhecermos como um critério essencial em qualquer atividade escolar/acadêmica que usa a linguagem como meio de avaliação. No entanto, verificamos no trecho *“Nenhuma grande apreciação à respeito da produção jornalística em si”* a falta de um embasamento teórico capaz de proporcionar ao aluno entender e, conseqüentemente, produzir uma notícia jornalística, o que parece não está havendo comprometimento do docente em questão, segundo o aluno colaborador da pesquisa, em promover uma articulação dinâmica entre a teoria e a prática nas disciplinas de produção textual.

Questionado ao estudante sobre a produção de textos jornalísticos, em particular a notícia, o curso de Comunicação Social o capacitou suficiente para atuar com maestria em qualquer veículo de comunicação, o aluno que escreveu a notícia respondeu:

-Com maestria não. Foram me dados alguns subsídios, mais para chegar em um veículo e produzir com total segurança, não.

Para além de complicadores ortográficos presentes na resposta do aluno – complicadores esses inadmissíveis para jornalistas em formação! – no trecho exposto é perceptível a insegurança que o estudante possui em realizar sua atividade profissional diante das exigências que o mercado de trabalho impõe. É preciso a universidade investir mais em

atividades que envolvam significativamente seus alunos com as demandas do mercado de trabalho.

Questionado se o professor da universidade apresentou um estudo prévio sobre a produção de uma reportagem jornalística, mostrando suas características e propriedades, o aluno que produziu a reportagem respondeu:

-Sim, houve uma discussão acerca do jornalismo cultural: as características de uma reportagem dentro dessa especialidade; os desafios da linguagem; panorama do jornalismo cultural no Brasil, ente outros aspectos. Lembro que o autor/jornalista Daniel Piza foi uma referência forte.

Nessa resposta, é possível observarmos que o professor da disciplina de jornalismo cultural teve a preocupação em realizar um estudo teórico prévio sobre as características do gênero jornalístico reportagem dentro do contexto do jornalismo cultural, inclusive englobando conceitos teóricos de autores que serviu de auxílio ao estudante na realização da atividade acadêmica. Partindo dessa observação, acreditamos que essa seja a forma mais adequada para os professores atuarem em sala de aula, contextualizando os comandos solicitados aos alunos, dando subsídios teóricos e práticos aos que se profissionalizando.

Sobre a produção de textos jornalísticos, em particular a reportagem, na universidade se houve um estudo suficiente para atuar com maestria em qualquer veículo de comunicação o aluno que escreveu a reportagem respondeu:

-A internet foi um veículo pouco explorado, considerando a notoriedade e influência que o mesmo exerce no âmbito midiático. Nos outros veículos (rádio, TV, impresso) o curso possibilitou uma capacitação, ainda que restrita, uma vez que vejo a necessidade de trabalhar-se as diversas formas de se fazer uma reportagem (questões estilísticas).

Nesse posicionamento notamos que a internet está sendo pouco explorada na disciplina de produção textual. Em relação aos outros meios de comunicação, o aluno diz que se sente capacitado, embora ainda de forma limitada, para produzir textos de acordo com a estrutura que cada meio de comunicação exige, já que os mesmos possuem formas diferenciadas no trato dado a informação jornalística.

Questionado se durante o período do quarto ano letivo o estudante leu algum livro sobre a produção de textos jornalísticos, o aluno que escreveu a reportagem respondeu:

- “Jornalismo Cultural” de Daniel Piza. Só li esse.

O trecho citado esclarece que durante todo um período letivo o estudante leu apenas um livro sobre a produção de textos jornalísticos. Um esclarecimento no mínimo preocupante,

visto que só conseguimos escrever de forma correta após a realização de leitura, já que as fases da produção de textos consistem em: leitura, escrita e reescrita.

Se antes da elaboração do artigo existiu uma orientação do professor explicando as condições de produção ou houve uma temática imposta pelo docente, ou simplesmente ficou livre a escolha do tema, o aluno que escreveu o artigo respondeu:

-Não, não tive orientação sobre a produção de um artigo. Porém o tema foi determinado pelo professor.

O aluno relata a ausência de um estudo prévio sobre os conceitos teóricos do artigo opinativo em sala de aula, e essa falta de base vem da própria metodologia do professor da universidade como exposto claramente “*Não, não tive orientação sobre a produção de um artigo*”. Um relato preocupante, visto que o artigo de opinião é um texto jornalístico que exige do seu autor total responsabilidade no trato dado a informação, por isso a importância dos estudantes saberem as técnicas essenciais para sua elaboração. O estudante relata que o professor determinou o tema do texto, como exposto no fragmento, “*Porém o tema foi determinado pelo professor*”. No entanto, observamos que não basta apenas definir o tema, mas também direcionar o aluno, através de conceitos e métodos teórico-práticos indispensáveis para a produção do artigo opinativo.

Questionado se após a produção do artigo teve uma correção desse texto pelo professor, com a exposição das observações/correções entregue, o aluno que escreveu o artigo respondeu:

-Ele pode até ter corrigido. Porém não me devolveu.

Nessa resposta observamos que o professor solicita a atividade acadêmica, o aluno produz o texto, mas não é tido um retorno com as correções desse exercício, mostrando aos estudantes os pontos que devem ser melhorados, e é justamente pensando nesse retorno que o professor deve ficar ciente de que não basta apenas solicitar a elaboração do texto, mas sim trazer esse texto para sala de aula e mostrar aos universitários que o que eles estão entendendo e, conseqüentemente, produzindo está se distanciando, ou não, das características teóricas do gênero artigo. Este envolvimento, segundo os alunos colaboradores, não houve. Fato preocupante quando pensamos no contexto de formação inicial em que estão inseridos os dados empíricos desta pesquisa.

Questionado ao estudante sobre a produção de textos jornalísticos, em particular o artigo opinativo, o curso de Comunicação Social o capacitou suficiente para atuar com maestria em qualquer veículo de comunicação, o aluno que escreveu a artigo respondeu:

-De forma alguma. O curso deixou muito a desejar. Porém não me esquivo da responsabilidade de ir atrás de mais conhecimentos. A falha também é minha.

No relato do aluno notamos que o curso de Comunicação Social precisa melhorar em alguns aspectos para proporcionar uma melhor formação acadêmica aos estudantes. No entanto, é importante destacar também o fragmento. “*Porém não me esquivo da responsabilidade de ir atrás de mais conhecimentos. A falha também é minha*”. Nele, o estudante diz abertamente que não teve interesse em realizar atividades complementares na universidade, ou até mesmo procurar os professores fora da sala de aula para tirar dúvidas, uma responsabilidade que compete a ambas as partes.

É oportuno destacar que a análise ora apresentada não se presta a denegrir a imagem do curso como um todo. Responsabilizamo-nos, apenas, pelas disciplinas envolvidas na pesquisa. No entanto, defendemos o caráter de denúncia que esta pesquisa representa, pois, para além de um pré-requisito para obtenção do título, conforme folha de rosto deste trabalho, a sua função social e, sobretudo, acadêmica extrapola os limites deste pré-requisito, ganhando respaldo quando o conteúdo analítico aqui apresentado alcançar professores e alunos deste respeitado curso de Comunicação Social.

3.2 ANÁLISE REALIZADA EM FUNÇÃO DE TRÊS GÊNEROS ESTUDADOS: NOTÍCIA, REPORTAGEM E ARTIGO OPINATIVO⁴

Em função do gênero notícia

Neste momento do estudo partiremos para a análise das produções textuais dos alunos. Nossa apreciação será realizada em produções jornalísticas⁵ elaboradas por estudantes da UEPB - Universidade Estadual da Paraíba, turma 2008.2, referente ao 4º ano noturno do curso de Comunicação Social. Temos como objetivo confrontar os textos produzidos por estes alunos com as teorias estudadas no trabalho, visando mostrar até que ponto essas produções convergem e divergem com essas teorias. Como já exposto anteriormente, a notícia é um gênero jornalístico de natureza informativa, tem por finalidade observar a realidade e apresentá-la, nunca analisá-la ou interpretá-la, como nos gêneros da categoria opinativa. Na notícia encontramos a predominância da narração, embora os meios de comunicação

⁴ Não foi possível documentarmos os enunciados das questões em que os professores solicitavam a produção dos gêneros jornalísticos, pois, segundo os alunos colaboradores da pesquisa, as solicitações eram feitas oralmente.

⁵ Manteremos a originalidade dos textos produzidos pelos universitários. As questões relacionadas à discordâncias ortográficas não serão levadas em consideração na análise, apesar de reconhecermos como uma necessidade extrema para todos os universitários, sobretudo para aqueles alunos que trabalham com a linguagem levar um pouco mais a sério a ortografia de sua língua.

atualmente não estejam limitados apenas a contar um fato, mas também abordam como e porque ocorreu determinado acontecimento.

Analisaremos agora uma notícia elaborada por um estudante de Comunicação Social da UEPB, turma 2008.2, 4º ano noturno.

Atividade apresentada como exigência do componente curricular para a terceira unidade da disciplina de Edição

CRISE NO SERTÃO

Devido a estiagem que castiga o sertão paraibano nos últimos meses, o governo do estado da Paraíba decretou situação de emergência em 170 municípios. "Esse é um grande drama que a Paraíba enfrenta. Segundo um pesquisador nos repassou em Aracaju, essa pode ser a seca mais violenta dos últimos trinta anos. Noventa por cento do território paraibano está sendo castigado pela estiagem, com perspectiva de seca que dura nove meses" relatou o governador Ricardo Coutinho.

O decreto foi publicado no Diário Oficial do Estado no dia 08 deste mês e tem como objetivo agilizar a liberação de recursos federais nas áreas de abastecimento e apoio aos mais de 2,6 milhões de paraibanos atingidos pela seca.

Um setor em que os efeitos estão sendo mais visíveis é na agricultura. Com a estiagem prolongada, a crise é preocupante, os agricultores perderam grande parte de suas plantações e temem continuar tendo prejuízos. A criação de ovinos, suínos e caprinos também está sendo afetada, pois falta pasto e água para manter os animais saudáveis.

Por conta desta crise, vários prefeitos paraibanos planejam cancelar as festividades tradicionais do mês de junho. Segundo eles não seria justo nem viável, investir os recursos em grandes eventos como estes enquanto a população passa por necessidades com a falta de água.

Em muitas destas cidades, o abastecimento tem sido feito através dos já conhecidos 'carros pipas'. "O que nos resta é rezar e esperar que Deus nos volte a abençoar com as chuvas" declarou um político da região.

QUADRO 02 – Gênero 01: Notícia

O texto exposto foi caracterizado pelo aluno como uma notícia jornalística. Traz como título "*Crise no sertão*", o emprego de palavras curtas de uso comum que não caracteriza o título de uma notícia. Notamos que o aluno não teve a preocupação em expor um título que exprimisse ação, além disso, não identificamos a presença do verbo nesse título, características que são consideradas fundamentais para definir um gênero jornalístico como notícia, como podemos observar no título de uma notícia extraído do portal WSCOM

“Assessor do deputado João Gonçalves é baleado no bairro dos Estados em JP⁶”.

Notamos também a falta de um subtítulo, recurso que ajuda o tema fundamental a ficar mais caracterizado, e, além de oferecer ostentação ao assunto abordado, serve para manter o interesse do leitor ao longo do texto através de palavras-chave. Como podemos identificar no texto já mencionado “*Carlos Bruno de Oliveira Moraes está internado em estado grave no hospital de Trauma*”⁷.

Observamos no texto produzido pelo aluno a deficiência na elaboração de um *lead* jornalístico encontrado no primeiro parágrafo da notícia, considerado o elemento principal desse gênero, tendo como objetivo oferecer informação principal sobre o tema e prender a atenção do leitor para o corpo da notícia.

De acordo com Xavier (2010), o *lead* é um termo jornalístico que representa a abertura de uma notícia e procura responder a cinco perguntas essenciais. O que? Quem? Como? Quando? Onde? Por quê? No primeiro parágrafo desse texto, deveríamos encontrar as respostas para as perguntas citadas acima.

No início da notícia é possível identificarmos a resposta para a pergunta **O que?** “*A estiagem que castiga o sertão paraibano nos últimos meses*”. Apesar de observamos essa propriedade, é notória a presença da fala de um entrevistado: “*Esse é um grande drama que a Paraíba enfrenta. Segundo um pesquisador nos repassou em Aracaju, essa pode ser a seca mais violenta dos últimos trinta anos Noventa por cento do território paraibano está sendo castigado pela estiagem, com perspectiva de seca que dura nove meses*” *relatou o governador Ricardo Coutinho*”.

No fragmento percebemos que o estudante foge das características do gênero notícia e se aproxima do gênero reportagem. Isso pelas particularidades do próprio gênero que não admite – a notícia – a presença de fala de entrevistados. O aluno não deixa claro no texto a resposta para a pergunta **Quem?** Notamos que a notícia não cita pessoas, a não ser o governador do estado, porém, não fica claro que ele é o personagem da notícia.

Observamos também a não existência da resposta para o **Como?** O texto não traz as circunstâncias e os motivos pelas quais pudéssemos ilustrar como se deu o desdobramento do fato.

Em relação à resposta para o **Quando?**, observamos que a notícia não informa, porém, presume-se que ocorreu ainda na própria semana que ela foi redigida, notamos isso no

⁶ Disponível em <http://www.wscom.com.br/noticia/policial/> Acessado em 08/06/2013

⁷ Disponível em <http://www.wscom.com.br/noticia/policial/> Acessado em 08/06/2013

fragmento “*O decreto foi publicado no Diário Oficial do Estado no dia 08 deste mês*”, em que percebemos a temporalidade existente no texto, uma característica que define o gênero notícia. No texto não encontramos a resposta para o *Onde?*, pois não existe um local do acontecimento mencionado na notícia.

Já em relação ao *Por quê?*, o aluno retrata essa característica mencionando que “*O decreto vai agilizar a liberação de recursos federais nas áreas de abastecimento e apoio aos mais de 2,6 milhões de paraibanos atingidos pela seca*”, particularidade existente na notícia jornalística.

De acordo com Pena (2008), critérios como imparcialidade, o puro registro dos fatos e à compreensão imediata dos dados essenciais são características que definem um gênero como sendo uma notícia. No exemplo citado, percebemos que o aluno teve a preocupação em narrar seu texto sem expor seu ponto de vista. No entanto, encontramos nesse texto a conversão de fatos em assuntos, além de desdobramentos e aprofundamentos acerca do tema abordado, particularidades que, segundo o autor, são referência no gênero jornalístico reportagem.

Em função do gênero reportagem

A reportagem é um gênero jornalístico que busca transmitir informações através dos mais variados meios de comunicação. É um texto que, assim como a notícia, constitui características de um gênero informativo. No entanto, possui qualidades próprias que há diferencia desse outro gênero porque também pode apresentar propriedades opinativas e interpretativas. Uma das principais funções da reportagem é abordar o acontecimento de forma abrangente.

É justamente o que Medina (1992) caracteriza como sendo o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística. A linguagem utilizada na reportagem deve ser objetiva e clara, devendo obedecer aos padrões linguísticos usados por cada meio de comunicação que adequam essa linguagem de acordo com o público destinado. Apesar de apresentar uma forma impessoal, em certas matérias é possível percebermos o julgamento do repórter sobre os acontecimentos ou até mesmo sua interpretação.

Analisaremos agora uma reportagem elaborada por um estudante de Comunicação Social da UEPB, turma 2008.2, 4º ano noturno.

Atividade apresentada como exigência do componente curricular para a segunda unidade da disciplina de Jornalismo Cultural

PARACURU ILUMINA O PALCO DO SESC CENTRO

De volta aos palcos campinenses, a Cia de Dança do Ceará apresenta o espetáculo “Luz”.

Na noite de ontem (29/05), no Teatro do Sesc Centro, o público majoritariamente formado por dançarinos da nossa cidade, assistiu ao espetáculo “Luz”, da Cia de Dança Paracuru (CE).

Não é a primeira vez que a Cia, nascida na pequena cidade cearense que a denomina, esteve em Campina Grande: “Temos um carinho especial por esse lugar. Já participamos de vários Festivais de Inverno, além de ter sido a primeira cidade para a qual viajamos para mostrar nosso trabalho.”, revelou Flávio Dutra, bailarino e diretor da Cia, numa conversa rápida com o público antes do início do espetáculo.

“Luz” aborda os anseios da juventude: medo, curiosidade, arrependimento e descoberta, elementos da vida de qualquer ser humano nessa fase, e que podem ser identificados na performance dos seis bailarinos: três homens e três mulheres que dançam ora individualmente, ora interagindo entre si, característica muito forte da linha contemporânea seguida pela Cia.



No entanto, mais do que fazer parte do perfil da dança contemporânea, essa interação oscilatória representa o perfil do jovem que confabula sozinho com seu corpo e com suas ideias, mas que também precisa do outro para se descobrir. Dualidade tal, representada com êxito nos dois blocos do espetáculo.

Na primeira parte os bailarinos vestem uma malha leve e de cor branca, compondo um cenário de tom claro (representação da inocência), no qual o único contraste é feito por um par de sandálias altas e vermelhas, posicionado em lugar de destaque no palco. É de se esperar que uma das três mulheres calce esse elemento cênico, mas quem o faz é um dos dançarinos, realçado por um foco de luz, atentando sobre a curiosidade masculina pelo universo feminino.

A coreografia nesse início é predominantemente individual, de movimentos muito marcados, até mesmo no ato de andar. Ato este, que além de ser outra característica forte da dança contemporânea, possibilita ao espectador uma leitura acerca da procura do jovem por um lugar no mundo.

No segundo momento de “Luz”, vê-se uma atmosfera transformada e mais provocadora, a começar pelo blecaute quebrado por um foco sutil em dois bailarinos que se beijam no centro do palco, dando a impressão de que ambos estão nus. A ilusão de ótica é explicada quando a luz acende e o público percebe que o figurino, agora bem justo, deixando as formas do corpo mais insinuosas, é

de cor preta (primeira foto). E é principalmente esse jogo de luzes que vai colaborar com a dramaticidade mais intensa do espetáculo e dar todo um efeito especial, muito lembrando as fotografias de Harold Edgerton, nas quais se podem enxergar as etapas do movimento.



Fotografia de Harold Edgerton

A coreografia nesse segundo bloco já é realizada principalmente em duplas, com corpos mais intensamente entrelaçados, que representam a concretização dos desejos confabulados no início. No entanto, essas duplas não são fixas e reiteram o que foi dito pelo diretor ao explicar um dos pontos do espetáculo: “Nessa fase da juventude há muito a questão do ‘fica’. Num dia você está totalmente envolvido com uma pessoa, no outro não quer mais saber dela”.

A satisfação do público diante de “Luz” foi notada nas calorosas palmas e assobios ao final. “Mais do que bonito, foi provocador.”, comentou Odo Vilar, aluno de Dança de Salão, que assim como os outros espectadores presentes, assistiu ao espetáculo de forma gratuita, dentro da programação do Palco Giratório★.

QUADRO 03 – Gênero 02: Reportagem

A reportagem produzida pelo estudante traz uma manchete com um título curto e bastante atrativo, “*PARACURU ILUMINA O PALCO DO SESC CENTRO*”, um título que desperta a curiosidade do leitor e que resume o que será dito no texto. Além do título, percebemos a presença de um subtítulo, “*De volta aos palcos campinenses, a Cia de Dança do Ceará apresenta o espetáculo “Luz”*”, uma frase oracional com duas linhas que aborda ainda mais informação acerca do assunto que será desenvolvido na reportagem, características acentuadas desse gênero jornalístico.

No primeiro parágrafo é notória a presença de um *lead* jornalístico. Nele, podemos encontrar respostas para algumas perguntas essenciais como O que? Quando? Onde?

É perceptível identificarmos a resposta para **O que?** “*A apresentação do espetáculo “Luz”, da Cia da Dança Paracuru (CE)*”, para o **Quando?** “*Na noite de ontem, 29/05.*” e para o **Onde?** “*No teatro Sesc Centro*”.

O *lead* jornalístico é uma característica do gênero notícia. Na produção desse texto percebemos que o aluno inicialmente se limitou na exposição de datas. No entanto, a reportagem é um gênero que não se restringe a períodos, pois ela é um texto de natureza atemporal.

Um acontecimento apresentado em uma reportagem pode ser abordado no formato expositivo (simples exibição), opinativo (apresentação do julgamento do jornalista) e interpretativo (exposição comentada sobre o fato). Pena (2008) diz que a reportagem é produto da intenção de passar uma “visão” interpretativa.

Apesar de existir esses três tipos de narração, identificamos que o texto desse aluno é expositivo, pois em nenhum momento é possível observar sua opinião e nem interpretação, peculiaridade que caracteriza o gênero como sendo uma reportagem. No texto encontramos a presença da fala do outro: *“Temos um carinho especial por esse lugar. Já participamos de vários Festivais de Inverno, além de ter sido a primeira cidade para a qual viajamos para mostrar nosso trabalho”*, revelou -Trecho de entrevista prestada por Flávio Dutra, bailarino e diretor da Cia, numa conversa rápida com o público antes do início do espetáculo. Nessa passagem, identificamos a presença de uma citação direta, estrutura discursiva que classifica o texto do aluno como uma reportagem.

A reportagem usa a capacidade criadora do autor para conseguir prender a atenção do leitor. Observamos que o estudante apresenta essas características no seu texto através dos fragmentos *“No entanto, mais do que fazer parte do perfil da dança contemporânea, essa interação oscilatória representa o perfil do jovem que confabula sozinho com seu corpo e com suas ideias, mas que também precisa do outro para se descobrir. Dualidade tal, representada com êxito nos dois blocos do espetáculo”*.

No segundo momento de “Luz”, vê-se uma atmosfera transformada e mais provocadora, a começar pelo blecaute quebrado por um foco sutil em dois bailarinos que se beijam no centro do palco, dando a impressão de que ambos estão nus. A ilusão de ótica é explicada quando a luz acende e o público percebe que o figurino, agora bem justo, deixando as formas do corpo mais insinuosas, é de cor preta (primeira foto).

Pena (2008) menciona que a reportagem procura envolver, usa a criatividade como recurso para seduzir o receptor.

Por se tratar de uma reportagem, o estudante deveria ter se atido para a elaboração de um olho jornalístico: um texto pequeno destacado que tem por finalidade relatar uma informação que merece destaque, visto que é considerado uma forte característica da reportagem.

Assim como olho, percebemos que o aluno traz no seu texto fotos, todavia, não apresenta legendas para as mesmas. A legenda também é considerada uma importante característica da reportagem, haja vista que é usada para complementar a informação apresentada na fotografia.

Em função do gênero artigo opinativo

Quando escrevemos um texto jornalístico de natureza opinativa certamente objetivamos algo a mais além do entendimento da mensagem. É nesse contexto que surge o artigo opinativo, um gênero que possui como principal característica a argumentação, meio pelo qual conseguimos persuadir o leitor a seguir nosso ponto de vista sobre determinado tema.

Geralmente é escrito em 3º pessoa, mas também podemos encontrá-lo em 1ª pessoa. É um texto no qual as informações apresentadas são de inteira responsabilidade do autor, por isso a importância da veracidade das informações. O artigo de opinião também deve apresentar a assinatura de seu autor.

Analisaremos, nesse momento, um artigo de opinião elaborado por um estudante de Comunicação Social da UEPB, turma 2008.2, 4º ano noturno.

Atividade apresentada como exigência do componente curricular para a terceira unidade da disciplina de Jornalismo Cultural

O PAPEL DO JORNALISMO CULTURAL NA CONFIGURAÇÃO

CULTURAL E EDUCACIONAL DO PAÍS

Não seria novidade, afirmamos que o papel do jornalismo é informar, divulgar assuntos de interesse público, levar a sociedade conteúdos úteis e de qualidade. E esse papel é praticado com excelência em diversas categorias, tais como; política, policial e até cidadania. Porém um deixa a desejar, principalmente aqui no Brasil, o jornalismo cultural.

É cabível fazermos uma análise, de qual deve ser a real contribuição do jornalismo cultural para a sociedade e se esse papel estar sendo desenvolvido com eficácia. Para começarmos a fundamentar nosso artigo já podemos usar umas das inúmeras afirmações do escritor Wellington Pereira, que diz:

O jornalismo cultural brasileiro tenta sobreviver entre a repetição e a diferença, sua síntese é a mercadoria cultural, cujo valor do uso aparece com créditos de shows, filmes, livros e discos. Recentemente, a crítica cultural tem se transformado em mercadoria. (PEREIRA, 2002, p.12)

A realidade brasileira em relação a jornalismo cultural se resume em uma simples coluna informando eventos como shows ou mesmo lançamentos de filmes, e livros. O papel de informar e analisar a nossa realidade cultural é algo ainda muito distante do que acontece de fato. As empresas de comunicação substituíram o objetivo de levar o jornalismo cultural como meio de informar e analisar conteúdos, por a preocupação única em vender, dessa forma transformando aquilo que era informação útil em mercadoria sem nenhum valor cultural para sociedade.

Em contra posição se for usar como referência os países ocidentais, perceberemos a disparidade, pois nesses países o jornalismo cultural é rigidamente caracterizado por suas análises acadêmicas assim como a preocupação em informar, fazendo com que as pessoas ao pensarem em cultura, não associem apenas a lançamentos de livros e filmes.

Quando fazemos uma análise conjunta entre educação e cultura, percebemos a insuficiente bagagem de informações culturais, que os próprios estudantes possuem. É nesse momento que entra uma necessidade de atuação dos próprios governantes, mas não só deles, como também da própria sociedade mostrando claramente quais as reais necessidades que precisam ser supridas. Esse é um dos papeis que deve ser desenvolvido pelo jornalismo cultural.

O escritor Wellington, foi feliz ao definir jornalismo cultural da seguinte forma:

Jornalismo cultural não é apenas um registro. Não se inscreve partir das dadas redondas (...) e servem para comemorar o centenário ou a morte de manifestações culturais. O jornalismo cultural é uma possibilidade de leitura das várias formas de organização da cultura.

O jornalismo cultural, precisa ser recharacterizado, o mesmo necessita de um espaço maior nas colunas, precisa levar ao público textos que suscite reflexão. Só dessa forma teremos uma sociedade mais intelectualizada assim como confiante das suas próprias qualidades e principalmente das suas conquistas.

QUADRO 04 – Gênero 03: Artigo de opinião

O texto lido foi caracterizado pelo aluno como um artigo de opinião. Podemos observar que o texto aborda uma temática de interesse coletivo, principalmente para os estudantes da área de jornalismo, traz como título “*O PAPEL DO JORNALISMO CULTURAL NA CONFIGURAÇÃO CULTURAL E EDUCACIONAL DO PAÍS*”, uma abertura chamativa que desperta a curiosidade do leitor. Na introdução percebemos que o texto busca situar o

leitor sobre o assunto ainda sem a opinião do autor, característica encontrada no artigo opinativo.

O artigo de opinião é um gênero jornalístico que permite ao autor misturar suas opiniões com opiniões de outros autores sobre o assunto abordado para melhor convencer o leitor sobre o seu ponto de vista. Nesse sentido, percebemos no segundo e sexto parágrafos que o aluno traz o posicionamento de outros autores acerca do tema. Citaremos o segundo parágrafo do texto para melhor explicar nossa análise.

“É cabível fazermos uma análise, de qual deve ser a real contribuição do jornalismo cultural para a sociedade e se esse papel estar sendo desenvolvido com eficácia. Para começarmos a fundamentar nosso artigo já podemos usar umas das inúmeras afirmações do escritor Wellington Pereira, que diz:

“O jornalismo cultural brasileiro tenta sobreviver entre a repetição e a diferença, sua síntese é a mercadoria cultural, cujo valor do uso aparece com créditos de shows, filmes, livros e discos. Recentemente, a crítica cultural tem se transformado em mercadoria. (PEREIRA, 2002, p. 12)”

Nas linhas escritas podemos perceber que o aluno foge significativamente das características do artigo opinativo. Nesse fragmento, o que identificamos é uma aproximação ao gênero de discursão teórica, sobretudo no que concerna a parte de resenha teórica, porque ele aborda citações com recuo que se aproximam ou que convergem para as características do gênero artigo de divulgação científica.

Seguindo as palavras de Gomes (1992), esse texto pode ser caracterizado sob o ponto de vista formal, pois notamos um tratamento peculiar dado ao texto e um método específico no tratamento dos argumentos. Notamos na produção que o aluno cita o argumento e o explica, como podemos exemplificar nos fragmentos:

“A realidade brasileira em relação a jornalismo cultural se resume em uma simples coluna informando eventos como shows ou mesmo lançamentos de filmes, e livros. O papel de informar e analisar a nossa realidade cultural é algo ainda muito distante do que acontece de fato. As empresas de comunicação substituíram o objetivo de levar o jornalismo cultural como meio de informar e analisar conteúdos, por a preocupação única em vender, dessa forma transformando aquilo que era informação útil em mercadoria sem nenhum valor cultural para sociedade.

Em contra posição se for usar como referência os países ocidentais, perceberemos a disparidade, pois nesses países o jornalismo cultural é rigidamente caracterizado por suas análises acadêmicas assim como a preocupação em informar, fazendo com que as pessoas ao pensarem em cultura, não associem apenas a lançamentos de livros e filmes”.

No que diz respeito à opinião, o autor desse gênero precisa manifestá-la durante toda a argumentação e jamais deixá-la implícita no texto, pois no artigo opinativo o articulista tem o livre-arbítrio (assim como o dever) de propagar seu próprio julgamento: esta é a maior característica do artigo de opinião – o ponto de vista exposto por alguém.

No fragmento selecionado fica claro perceber o ponto de vista do autor do texto em relação ao assunto abordado. Nesse questionamento percebemos sua posição quando relata uma comparação de como é tratado o jornalismo cultural no Brasil e nos países ocidentais. Podemos dizer que esse argumento de comparação faz com que o leitor reflita a verdadeira maneira de como deve ser tratado o jornalismo cultural.

Na sua estrutura, o texto aborda uma narrativa na 3ª pessoa do plural, atributo do artigo de opinião. As orações no imperativo e a utilização de conjunções são consideradas aspectos persuasivos de grande importância em um texto opinativo, porque agem como elementos articuladores. Observamos que o aluno teve a preocupação em explorar esses artifícios. No texto identificamos o operador argumentativo “*dessa forma*” e as conjunções “*e*”, “*mas*”, “*como*” “*também*”, “*assim*”, “*como*”, “*pois*”, “*com que*”: características que oferecem maior clareza às ideias.

Notamos que o estudante ao escrever seu texto não exprime emoção na sua narração, particularidade também do artigo opinativo, uma vez que a existência da emoção em um texto dessa natureza compromete a seriedade que a opinião do autor deseja obter.

Por fim, identificamos a conclusão do artigo, um único parágrafo que traz a apresentação de soluções para o problema abordado, momento em que o aluno dá dica para melhorar a situação do jornalismo cultural, como podemos identificar no fragmento do texto: “*O jornalismo cultural, precisa ser recharacterizado, o mesmo necessita de um espaço maior nas colunas, precisa levar ao público textos que suscite reflexão. Só dessa forma teremos uma sociedade mais intelectualizada assim como confiante das suas próprias qualidades e principalmente das suas conquistas*”.

Através da análise realizada nos textos dos alunos, acreditamos ter exposto a importância que a teoria de gêneros exerce para a escrita de textos jornalísticos como a notícia, a reportagem e o artigo opinativo. Claro que outras considerações poderiam ter sido exploradas, todavia, nossa proposta foi mostrar aos estudantes assim como a universidade, a

necessidade de repensar a forma como a teoria de gêneros jornalísticos está sendo inserida na formação inicial de comunicadores sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento adquirido através da realização deste trabalho, sem dúvida alguma, foi muito importante para minha formação acadêmica. Mostrar o valor que a teoria de gêneros jornalísticos exerce na formação inicial de jornalista foi um grande desafio. Primeiro porque se tratou de uma pesquisa que exigiu uma longa trajetória, iniciada com a leitura de vários autores acerca do tema, depois pela busca dos colaboradores (autores dos textos) e o mais desafiador que foi o tratamento especial dado tanto ao *corpus* analisado como da leitura do resultado obtido.

Assim, ao concluir este trabalho, acreditamos que nosso objetivo de colaborar com os estudos científicos sobre gêneros textuais da esfera jornalística, especialmente a notícia, a reportagem e artigo de opinião, foi alcançado. Para isso, realizamos uma extensa revisão bibliográfica – que teve início com Bakhtin e sua classificação para os gêneros do discurso, depois com Melo (1985), com sua categorização dos gêneros jornalísticos informativos e opinativos, passando pelas definições contemporâneas de autores como Marcuschi (2008), Rodrigues (2005), Grillo (2004), Pena (2008) Xavier (2010), Duarte (2006), Costa Val (2003), entre outros – e aplicamos os conceitos estudados na análise em três textos elaborados por estudantes de Comunicação Social da UEPB, sendo uma notícia, uma reportagem e um artigo de opinião, todos objeto do nosso estudo.

Conforme os dados obtidos, verificamos que há um distanciamento significativo daquilo que os estudantes da turma 2008.2 de Comunicação Social da UEPB estão entendendo e, conseqüentemente, produzindo como gêneros jornalísticos notícia, reportagem e artigo de opinião pensando em relação ao que diz a teoria de gêneros.

Ainda com base nos dados, observamos a falta de influência que os conceitos teóricos sobre gêneros textuais recebem nas disciplinas de produção textual do curso de jornalismo da UEPB. Nossa leitura tem por base as respostas dos próprios alunos ao nosso questionário (anexo) onde podemos constatar que:

1- A forma como a teoria de gêneros está sendo aplicado nas disciplinas de produção textual do curso de Comunicação Social da UEPB não está sendo adequada para a formação inicial de jornalista, primeiro porque parece que não existe uma orientação dos próprios professores da universidade em ensinar sobre a luz da teoria de gêneros, segundo porque verificamos nos próprios textos analisados uma diferença expressiva das características teóricas que classificam cada gênero de acordo com sua tipologia;

2- Prevalece apenas uma aplicação simplista dos conceitos teóricos sobre a teoria de gêneros em sala de aula, a qual não provoca mudanças de percepção nos alunos sobre a importância da inclusão desses critérios nas atividades realizadas na universidade, principalmente no que diz respeito à produção de textos jornalísticos;

3- A universidade precisa promover novas metodologias de ensino para estimular os estudantes a escreverem de acordo com a teoria de gêneros. As estratégias usadas nas disciplinas de produção textual estudadas nesta pesquisa não contemplam a formação inicial de jornalista nem tão pouco são favoráveis para o desenvolvimento profissional desses alunos no mercado de trabalho.

Neste trabalho, não intencionamos ver a universidade e os professores como agentes não comprometidos com a formação dos estudantes, mas sim mostrá-los que é necessário um maior empenho na aplicabilidade da teoria de gêneros nas disciplinas de produção textual no curso de Comunicação Social, pois parece que os professores que orientaram a elaboração dos textos usados na análise não mostrou a importância que a teoria exerce para a prática no contexto de ensino-aprendizagem.

É importante destacarmos também, que os estudantes precisam ter um maior compromisso com a universidade no que diz respeito à busca de conhecimentos que ultrapassem as paredes das salas de aula. Para justificarmos essa questão, achamos oportuno trazer a resposta de um aluno presente no questionário (anexo):

Questionado ao estudante sobre a produção de textos jornalísticos, em particular o artigo opinativo, o curso de Comunicação Social o capacitou suficiente para atuar com maestria em qualquer veículo de comunicação, o aluno que escreveu a artigo respondeu:

-De forma alguma. O curso deixou muito a desejar. Porém não me esquivo da responsabilidade de ir atrás de mais conhecimentos. A falha também é minha.

No relato do aluno notamos que o curso de Comunicação Social precisa melhorar em alguns aspectos para proporcionar uma melhor formação acadêmica aos estudantes. No entanto, é importante destacar também o fragmento. *“Porém não me esquivo da responsabilidade de ir atrás de mais conhecimentos. A falha também é minha”*. Nele, o estudante diz abertamente que não teve interesse em realizar atividades complementares na universidade, ou até mesmo procurar os professores fora da sala de aula para tirar dúvidas, uma responsabilidade que compete a ambas as partes (trecho extraído do Capítulo III desta monografia).

Nesse sentido, observamos um relato, no mínimo preocupante, visto que a vida acadêmica de um universitário não deve se limitar apenas a critérios limitados apresentados

em sala de aula, o estudante universitário precisa alçar vôos que lhe permitam realizações além de suas limitações, construindo assim, ainda na graduação, experiências significativas para sua carreira profissional.

Diante do trabalho apresentado, entendemos que os conceitos teóricos também podem ser questionados, também podem ser reconstruídos, que não é algo fechado, distante. No entanto, em relação ao estudo realizado, percebemos que os critérios teóricos se distanciam ao extremo, o que acarreta, a nosso ver, no mínimo, uma situação conflituosa, no mínimo, uma situação dificultosa no contexto de formação inicial de jornalista.

Após o resultado obtido através dessa pesquisa, uma de nossas finalidades é fazer uma reunião com os alunos que disponibilizaram os textos usados na análise para mostrá-los nossa conclusão e ouvir o que eles entenderam da leitura que foi feita nos textos produzidos por eles, pois compreendemos que só dessa forma nossa pesquisa terá uma função social e não servirá apenas para preencher a estante da biblioteca da universidade.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 13. ed. São Paulo: HUCITEC, 2009.

CORRÊA, Marilda Ciribelle. *Como elaborar uma dissertação de mestrado através da pesquisa científica*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2003.

COSTA VAL, Maria da Graça. Atividades de Produção de Textos Escritos em Livros Didáticos de 5^a à 8^a séries do Ensino Fundamental. In: ROJO, R. & BATISTA, A. A. Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

COELHO, Marco Flávio Simões. Comentário. In: MELO, José Marques de (Org.). *Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo*. São Paulo: FTD, 1992, p. 75-81.

Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo - Relatório da Comissão de Especialistas instituída pelo Ministério da Educação (Portaria Nº 203/2009, de 12 de fevereiro de 2009).

Disponível em

http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_final_cursos_jornalismo.pdf. Acessado em 08 de janeiro de 2013.

GALLIANO, A. Guilherme. *O método científico: teoria e prática*. São Paulo: HARBRA, 1979, p. 32-43.

GOMES, Pedro Gilberto. Artigo. In: MELO, José Marques de (Org.). *Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo*. São Paulo: FTD, 1992, p. 15-46.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. *A produção do real em gêneros do jornal impresso*. São Paulo: Humanitas, 2004.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATTAR, Fauze Najib. *Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento, execução e análise*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

MEDINA, Cremilda. Entrevista. In: MELO, José Marques de (Org.). *Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo*. São Paulo: FTD, 1992, p. 101-110.

MELO, José Marques de (Org.). *Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo*. São Paulo: FTD, 1992.

PENA, Fernando. *Teoria do jornalismo*. 2. ed. 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2008.

RÊGO, Ana Regina, AMPHILO, Maria Isabel. In: MELO, José Marques (Org.). *Gênero opinativo*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROUTH, Désirée. (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005, p. 152-183.

SILVA, Rafael Souza. Caricatura. In: MELO, José Marques de (Org.). *Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo*. São Paulo: FTD, 1992, p. 47-62.

SQUARISI, Dad, SALVADOR, Aríete. *A arte de escrever bem: Um guia para jornalistas e profissionais do texto / Dad Squarisi, Aríete Salvador*. – São Paulo: Contexto, 2005.

STUMPF, Ida Regina. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. (Orgs.). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

XAVIER, Manassés Moraes. A escrita dos gêneros jornalísticos notícia e reportagem: características linguísticas e funcionais. In: SILVA, Marinalva Freire (Org.). *Na trilha da transdisciplinaridade: aspectos linguísticos, literários e interculturais e metodológicos linguístico-literários*. João Pessoa: Ideia, 2010, p. 124-135.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. *Metodologia de estudo e de pesquisa em administração*. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC; CAPS: UAB, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE 01:

Questionário-Entrevista Semiestruturada

Universidade Estadual da Paraíba – Campina Grande – PB, abril de 2013.

Público-alvo: Alunos da turma 2008.2, referente ao 4º ano do curso de Comunicação Social da UEPB (Turno de aplicação: noite).

Pesquisa: A teoria de gêneros jornalísticos e a formação inicial de comunicadores sociais: Caminhos entrelaçados

Responsáveis: Severino Pequeno da Silva (Graduando do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB)

Prof. Ms. Manassés Morais Xavier (Orientador)

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PARA O ESTUDANTE QUE ESCREVEU A NOTÍCIA:

1- O professor que solicitou a elaboração dessa notícia apresentou um estudo prévio sobre a produção de uma notícia jornalística, mostrando suas características e propriedades?

2- Antes da elaboração dessa notícia existiu uma orientação do professor explicando as condições de produção? Houve uma temática imposta pelo docente? Ou simplesmente ficou livre a escolha do tema?

3- Após a produção da notícia teve uma correção desse texto pelo professor? Com a exposição das observações/correções entregue a você?

4- Com relação aos livros mais usados no curso de Comunicação Social em especial aos que abordam a temática sobre a elaboração de notícia jornalística, você considera que o número de exemplares disponíveis atende ao alunado?

5- No que diz respeito à elaboração de gêneros jornalísticos, em particular a notícia, você acha que o curso de Comunicação Social lhe capacitou o suficiente para você atuar com maestria em qualquer veículo de comunicação? Por quê?

6- Durante o período do quarto ano letivo, quantos livros sobre produção de textos jornalísticos você leu? Poderia citar algum?

7- Desde que você ingressou na universidade participou de algum projeto acadêmico? Por quê?

8- A universidade lhe proporcionou boas condições em laboratório de informática, multimídia e materiais para a elaboração de atividades acadêmicas?

APÊNDICE 02:**ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA O ESTUDANTE QUE ESCREVEU A
REPORTAGEM**

1- O professor que solicitou a elaboração dessa reportagem apresentou um estudo prévio sobre a produção de uma reportagem jornalística, mostrando suas características e propriedades?

2- Antes da elaboração dessa reportagem existiu uma orientação do professor explicando as condições de produção? Houve uma temática imposta pelo docente? Ou simplesmente ficou livre a escolha do tema?

3- Após a produção da reportagem teve uma correção desse texto pelo professor? Com a exposição das observações/correções entregue a você?

4- Com relação aos livros mais usados no curso de Comunicação Social em especial aos que abordam a temática sobre a elaboração de reportagem jornalística, você considera que o número de exemplares disponíveis atende ao alunado?

5- No que diz respeito à elaboração de gêneros jornalísticos, em particular a reportagem, você acha que o curso de Comunicação Social lhe capacitou o suficiente para você atuar com maestria em qualquer veículo de comunicação? Por quê?

6- Durante o período do quarto ano letivo, quantos livros sobre produção de textos jornalísticos você leu? Poderia citar algum?

7- Desde que você ingressou na universidade participou de algum projeto acadêmico? Por quê?

8- A universidade lhe proporcionou boas condições em laboratório de informática, multimídia e materiais didáticos para a elaboração de atividades acadêmicas?

APÊNDICE 03:**ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PARA O ESTUDANTE QUE ESCREVEU O
ARTIGO**

1- O professor que solicitou a elaboração desse artigo apresentou um estudo prévio sobre a produção de um artigo opinativo, mostrando suas características e propriedades?

2- Antes da elaboração desse artigo existiu uma orientação do professor explicando as condições de produção? Houve uma temática imposta pelo docente? Ou simplesmente ficou livre a escolha do tema?

3- Após a produção do artigo teve uma correção desse texto pelo professor? Com a exposição das observações/correções entregue a você?

4- Com relação aos livros mais usados no curso de Comunicação Social em especial aos que abordam a temática sobre a elaboração de artigo de opinião, você considera que o número de exemplares disponíveis atende ao alunado?

5- No que diz respeito à elaboração de gêneros jornalísticos, em particular o artigo opinativo, você acha que o curso de Comunicação Social lhe capacitou o suficiente para você atuar com maestria em qualquer veículo de comunicação? Por quê?

6- Durante o período do quarto ano letivo, quantos livros sobre produção de textos jornalísticos você leu? Poderia citar algum?

7- Desde que você ingressou na universidade participou de algum projeto acadêmico? Por quê?

8- A universidade lhe proporcionou boas condições em laboratório de informática, multimídia e materiais para a elaboração de atividades acadêmicas?

APÊNDICE 04:

TERMO DE ACEITAÇÃO E CONCORDÂNCIA PARA A ANÁLISE DA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO ESTUDANTE DA TURMA 2008.2 REFERENTE AO 4º ANO NOTURNO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA (UEPB).

SIMPLISTA RESUMO DO TRABALHO

Visto que nos últimos anos os estudos sobre gêneros jornalísticos vêm promovendo grande melhoramento no jornalismo de diversos meios de comunicação, fica importante destacar o espaço que eles devem obter nas universidades para melhor preparar os estudantes para a vida profissional. Diante disso, almejo fazer uma análise descritiva em produções jornalísticas elaboradas por estudantes da turma 2008.2 referente ao 4º ano noturno do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), visando mostrar até que ponto essas produções convergem e divergem com a teoria de BAKHTIN (1997, 2011) (Análise do Discurso) e de outros teóricos como Rodrigues (2005), Grillo (2004), Pena (2008), Xavier (2010). Deixando claro que minha intenção não é criticar essas produções nem tão pouco corrigi-las com análise qualitativa. Apenas proponho como proposta de pesquisa para meu (TCC) Trabalho de Conclusão de Curso, um estudo científico que visa apresentar, através da análise, a discussão da relação existente entre prática e teoria dos gêneros jornalísticos entre as paredes da universidade.

OBJETIVO DO TERMO

A finalidade desse termo é conseguir a autorização do aluno da turma 2008.2 referente ao 4º ano noturno do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) para uma análise descritiva em um texto jornalístico produzido por ele na universidade. Nossa proposta é realizar um trabalho científico que objetiva contribuir com os estudos sobre gêneros jornalísticos na universidade.

Garantindo ao contribuinte que não haverá no trabalho, em hipótese alguma, críticas voltadas para a instituição, julgamento dos professores em sala de aula e nem do conteúdo aplicado por eles. Além disso, afirmo que o nome do estudante permanecerá em sigilo, ou seja, não será mencionado no trabalho e nem em qualquer espaço envolvido por ele.

O presente documento tem o compromisso em manter a segurança do texto produzido pelo aluno da turma 2008.2 referente ao 4º ano noturno do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Declaro a veracidade do documento, cuja elaboração foi por mim, Severino Pequeno da Silva, estudante de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba elaborado.

Diante de qualquer dúvida, me disponho a esclarecê-las entre os estudantes, professores e diretores da referida instituição.

TERMO DE ACEITAÇÃO E CONCORDÂNCIA PARA A ANÁLISE DA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO ESTUDANTE DA TURMA 2008.2 REFERENTE AO 4º ANO NOTURNO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA (UEPB).

Eu, _____, estudante da turma 2008.2 referente ao 4º ano noturno do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), portador da matrícula _____ residente na rua: _____, nº _____, no bairro: _____, na cidade de _____, no estado _____, AFIRMO ACEITAR E CONCORDAR com todos os itens estabelecidos nesse documento. Mostrando sua importância e sua veracidade, segue abaixo a assinatura e a matrícula do estudante da turma 2008.2 referente ao 4º ano noturno do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Li e concordo com todos os compromissos de segurança e regras descritas nesse documento para o uso da minha produção jornalística.

Estudante: _____ Mat.: _____

Campina Grande, _____ de _____ de _____.

ANEXOS

Anexo 01:

RESPOSTAS DOS ALUNOS AO QUESTIONÁRIO (ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA)

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PARA O ESTUDANTE QUE ESCREVEU A NOTÍCIA:

1- O professor que solicitou a elaboração dessa notícia apresentou um estudo prévio sobre a produção de uma notícia jornalística, mostrando suas características e propriedades?

Sim, ela fez um breve resumo do que se tratava uma notícia, visto que, por se tratar de uma produção para o quarto ano, ficou subentendido por ela que já tínhamos total domínio e conhecimento do assunto. O que, infelizmente, não procede.

2- Antes da elaboração dessa notícia existiu uma orientação do professor explicando as condições de produção? Houve uma temática imposta pelo docente? Ou simplesmente ficou livre a escolha do tema?

Foi passado uma explicação de como devíamos proceder durante a produção do texto, o que devia conter em uma notícia. Foi deixado à nossa escolha do tema do texto.

3- Após a produção da notícia teve uma correção desse texto pelo professor? Com a exposição das observações/correções entregue a você?

APENAS COM CORREÇÃO ORTOGRÁFICA. NENHUMA GRANDE APECIAÇÃO À RESPEITO DA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA EM SI.

4- Com relação aos livros mais usados no curso de Comunicação Social em especial aos que abordam a temática sobre a elaboração de notícia jornalística, você considera que o número de exemplares disponíveis atende ao alunado?

INFELIZEMENTE NÃO. SÃO POUCOS OS EXEMPLARES E A MAIORIA TEM EDIÇÕES MUITO ANTIGAS.

5- No que diz respeito à elaboração de gêneros jornalísticos, em particular a notícia, você acha que o curso de Comunicação Social lhe capacitou o suficiente para você atuar com maestria em qualquer veículo de comunicação? Por quê?

COM MAESTRIA NÃO. FORAM ME DADOS ALGUNS SUBSÍDIOS, MAIS PARA CHEGAR EM UM VEÍCULO JORNALÍSTICO E PRODUZIR COM TOTAL SEGURANÇA, NÃO.

6- Durante o período do quarto ano letivo, quantos livros sobre produção de textos jornalísticos você leu? Poderia citar algum?

APENAS NA ÁREA DE RADIOJORNALISMO. MANUAL DO RADIOJORNALISMO.

7- Desde que você ingressou na universidade participou de algum projeto acadêmico? Por quê?

NÃO SENTI MUITO INTERESSE, ACHO QUE FALTOU UM POUCO MAIS DE INCENTIVO DO DEPARTAMENTO.

8- A universidade lhe proporcionou boas condições em laboratório de informática, multimídia e materiais para a elaboração de atividades acadêmicas?

NESSES QUESITOS, O DEPARTAMENTO TEM UMA DEFICIÊNCIA CONSIDERÁVEL. OS EQUIPAMENTOS DISPONÍVEIS NÃO SUPREM A DEMANDA. APENAS O LABORATÓRIO DE RÁDIO FUNCIONOU PARA MIM SEM MAIORES COMPLICAÇÕES.

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PARA O ESTUDANTE QUE ESCREVEU A REPORTAGEM

1- O professor que solicitou a elaboração dessa reportagem apresentou um estudo prévio sobre a produção de uma reportagem jornalística, mostrando suas características e propriedades?

Sim, houve uma discussão acerca de formalismo cultural, as características de uma reportagem dentro desta especialidade; os detalhes da linguagem; panorama do formalismo cultural no Brasil, entre outros aspectos. Lembro que ~~na~~ ~~do~~ ~~do~~ ~~do~~ o autor Daniel Piza ^{jornalista} foi uma referência forte.

2- Antes da elaboração dessa reportagem existiu uma orientação do professor explicando as condições de produção? Houve uma temática imposta pelo docente? Ou simplesmente ficou livre a escolha do tema?

Não recordo-me houve explicação, mas lembro que a escolha do tema foi livre.

3- Após a produção da reportagem teve uma correção desse texto pelo professor? Com a exposição das observações/correções entregue a você?

Não.

4- Com relação aos livros mais usados no curso de Comunicação Social em especial aos que abordam a temática sobre a elaboração de reportagem jornalística, você considera que o número de exemplares disponíveis atende ao alunado?

Não.

5- No que diz respeito à elaboração de gêneros jornalísticos, em particular a reportagem, você acha que o curso de Comunicação Social lhe capacitou o suficiente para você atuar com maestria em qualquer veículo de comunicação? Por quê?

A internet foi um veículo pouco explorado, considerando a notoriedade e influência que o mesmo exerce no âmbito midiático. Nos outros veículos (rádio, tv, impresso) o ~~reportagem~~ ^{curso} possibilitou uma capacitação, ainda que restrita, uma vez que vejo a necessidade de trabalhar-se com diversas formas de se fazer uma reportagem (questões estilísticas)

6- Durante o período do quarto ano letivo, quantos livros sobre produção de textos jornalísticos você leu? Poderia citar algum?

"Jornalismo Cultural", de Daniel Piza.

Só li esse.

7- Desde que você ingressou na universidade participou de algum projeto acadêmico? Por quê?

Particpei do Comunicartos trabalhando com fotografia, área pela qual tenho interesse.

① fotografias divulgando ~~as~~ o que acontecia durante os eventos.

8- A universidade lhe proporcionou boas condições em laboratório de informática, multimídia e materiais didáticos para a elaboração de atividades acadêmicas?

Laboratório de informática após algum tempo de curso. Laboratório de multimídia praticamente inexistente; materiais didáticos ~~em~~ ^{em} adequados.

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PARA O ESTUDANTE QUE ESCREVEU O ARTIGO

1- O professor que solicitou a elaboração desse artigo apresentou um estudo prévio sobre a produção de um artigo opinativo, mostrando suas características e propriedades?

Não, Esse professor por usar de uma cadeia específica "fornalismo cultural", use e diteve apenas a falar do papel do fornalismo cultural na sociedade.

2- Antes da elaboração desse artigo existiu uma orientação do professor explicando as condições de produção? Houve uma temática imposta pelo docente? Ou simplesmente ficou livre a escolha do tema?

Não, não tive orientação sobre a produção de um artigo. Porém o tema foi determinado pelo professor.

3- Após a produção do artigo teve uma correção desse texto pelo professor? Com a exposição das observações/correções entregue a você?

Ele pode até ter corrigido. Porém não me devolveu.

4- Com relação aos livros mais usados no curso de Comunicação Social em especial aos que abordam a temática sobre a elaboração de artigo de opinião, você considera que o número de exemplares disponíveis atende ao alunado?

Na verdade não é que tenha muitos. É que são poucos volumes que leuam. Por isso que a quantidade

de exemplos atendem a "pequena demanda".

5- No que diz respeito à elaboração de gêneros jornalísticos, em particular o artigo opinativo, você acha que o curso de Comunicação Social lhe capacitou o suficiente para você atuar com maestria em qualquer veículo de comunicação? Por quê?

De forma alguma. O curso deixou muito a desejar. Porém não me esquivo da responsabilidade de ir atrás de mais conhecimentos. A falta também é minha.

6- Durante o período do quarto ano letivo, quantos livros sobre produção de textos jornalísticos você leu? Poderia citar algum?

Levros completos nenhum, uso as buscava para tirar dúvidas

7- Desde que você ingressou na universidade participou de algum projeto acadêmico? Por quê?

Não. Porque desde que comecei a universidade, trabalho a dia todo, meu tempo é muito pouco, sempre fiz uso superficial.

8- A universidade lhe proporcionou boas condições em laboratório de informática, multimídia e materiais para a elaboração de atividades acadêmicas?

Infligmente não. Todos os laboratórios sem muitos dispositivos e antigos.